

A Situação de Fernando Lacerda Perante o Partido



Luiz Carlos Prestes

INFORME AO COMITÊ CENTRAL

(LEIA NA 3.ª PAG.)

- ☆ Luta aberta contra o Programa do Partido
- ☆ Defesa de liquidacionismo de 1942-1945
- ☆ Relações antipartido com o Renegado Crispim
- ☆ Insistência no erro e atividade sistemática contra o Partido
- ☆ Contra o internacionalismo proletário
- ☆ Duplicidade nas relações com o Comitê Central

O Justo Caminho Para a Vitória Nas Eleições

O Manifesto Eleitoral do P.C.B. veio indicar ao nosso povo, com precisão e clareza, o justo caminho pelo qual há-de transformar as eleições de outubro próximo numa vitória da causa da paz e das liberdades, da democracia e da independência nacional.

O documento retrata fielmente a atual situação e denuncia o estado de degradação a que chegou o governo de Vargas, com sua política de traição nacional e fome e terror policial contra o povo. Mostra-nos a camarilha de Vargas submetida inteiramente aos interesses dos monopolistas norte-americanos, que oprimem e espoliam o país, anulando passo a passo a independência da pátria e tornando cada vez mais difícil e insuportável a situação de miséria das massas. É o imperialismo norte-americano o principal responsável pela situação de descalabro em que se afunda o Brasil e contra ele se levanta o ódio do povo, através de movimentos populares e patrióticos.

Este, portanto, o inimigo principal que cumpre enfrentar no próximo pleito, derrotando os candidatos de seus agentes no país — o governo de Vargas e os entreguistas de toda laia — e elegendo candidatos patriotas, homens e mulheres honrados a serviço do povo e da nação.

Mas para travarmos com sucesso essa batalha contra os inimigos da pátria, é preciso mobilizar e unir a todos os patriotas, todas as forças e correntes políticas interessadas no progresso do Brasil e no bem-estar das massas populares. Neste sentido, o P.C.B. estende a mão a todas as forças políticas, líderes políticos e correntes patrióticas que queiram se aglutinar para que o voto do povo a 3 de outubro seja «um voto contra a carestia da vida e contra a fome, contra a colonização do país pelos Estados Unidos e pela emancipação nacional, em defesa das liberdades democráticas e da paz».

Como unir as forças políticas dispostas a infligir uma derrota eleitoral aos candidatos da reação e do entreguismo? O Manifesto aponta a saída: a organização do povo em amplos comitês democráticos eleitorais. Os comunistas estão dispostos a entrar em entendimentos com todas as correntes patrióticas. Entretanto, somente a organização do povo em cada bairro, em cada fábrica ou fazenda, a organização das mulheres e dos jovens, etc. será capaz de dar força e consistência à unidade de ação. É seguindo o exemplo das coalizões eleitorais já surgidas em inúmeros lugares, o exemplo da campanha cívica promovida pela Liga da Emancipação Nacional, que o povo há-de assegurar sua participação no pleito e conquistar a vitória nas urnas. Reunindo, em cada lugar, homens e mulheres de todas as condições para a luta política comum, lograremos eleger candidatos populares, golpear seriamente os vende-pátrias e abrir caminho para a conquista de melhores dias.

A eleição é uma batalha política que interessa a todo o povo. A participação dos comunistas, à frente das massas, dá ao pleito um profundo sentido popular. Através da campanha eleitoral, os comunistas e seus aliados esclarecem e mobilizam as massas, indicando-lhes a única saída para a situação de miséria e opressão em que vivemos, o verdadeiro caminho para salvar a Pátria da escravidão aos monopólios ianques. Esta é a solução apontada no Programa do P.C.B. A campanha eleitoral é, assim, uma grande batalha pela popularização e aplicação do Programa da Salvação Nacional, o documento que exprime as mais profundas aspirações de nosso povo e que coloca na ordem-do-dia a questão da conquista de um novo regime, de um poder realmente a serviço do povo e dos interesses nacionais — o governo democrático de libertação nacional.

Sob a bandeira de luta e unidade das forças patrióticas desfraldadas pelo P.C.B., haveremos de conquistar a vitória. Todos às urnas para defender a democracia, a paz e a independência nacional!

VOZ OPERÁRIA

N. 274 — Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1954



Conferência Latino-Americana de Mulheres

Encontro de Amizade, De Luta e de Esperança

(LEIA REPORTAGEM NA PÁGINA CENTRAL)

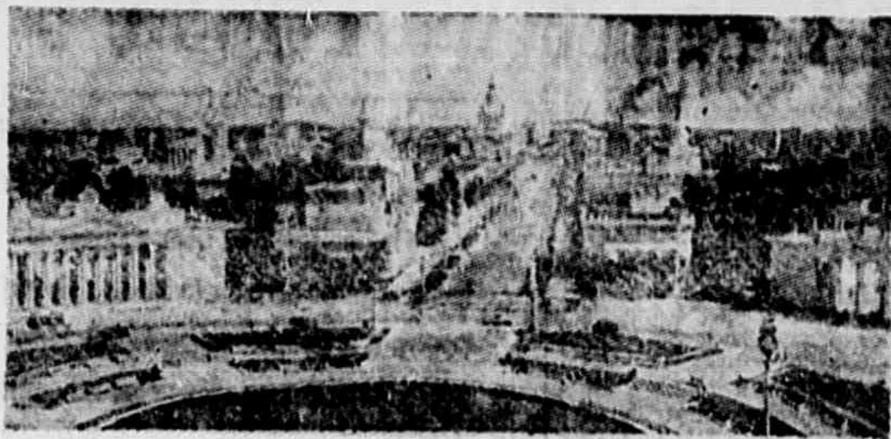
Contra Vargas e os Golpes Fascistas a Luta Unida de Todos os Democratas

★★★

(Leia na últ. pag.)

Inaugurou-se em começo do corrente mês, em Moscou, a Exposição Agrícola da U.R.S.S. na qual se representam 169.000 participantes. O caráter da mostra é permanente e se destina a facilitar ainda mais a troca de experiências entre os diversos setores da agricultura e da pecuária, que cumprem com êxito a tarefa visando a permitir que, dentro de dois ou três anos, seja ainda maior a abundância e inteiramente possível atender às crescentes necessidades da população do país em produtos do campo e assegurar matérias-primas à indústria leve e de alimentação. A Exposição, da qual a foto dá uma visão panorâmica, é uma realização vitoriosa do comunismo em construção.

A MAIOR EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DO MUNDO



A Evolução da Questão das Colônias Portuguesas na Índia

A evolução da situação das possessões portuguesas na Índia, onde o povo se ergue contra o domínio estrangeiro, revela em toda a plenitude as forças que incentivam o salazarismo, facilmente identificáveis como os monopólios americanos. Mais uma vez a máscara da "defesa contra o comunismo" cai por terra e deixa ver a horripilante catadura dos empedernidos aproveitadores do colonialismo e da opressão dos povos, onde quer que estes ergam a bandeira da libertação nacional. A Índia não é um país comunista. Pelo contrário, ali se realiza, com o auxílio da desmoralizada camarilha do Partido do Congresso liderado por Nehru, uma bárbara repressão a todos os movimentos progressistas e a polícia persegue ilegalmente os membros do Partido Comunista da Índia, que dirige o povo em sua luta contra seus exploradores nacionais e estrangeiros. Além disso, a Índia é um país membro da Comunidade Britânica. No entanto, bastou que seu governo se sentisse sem forças para coibir as manifestações populares que exigem a libertação de Goa, Diu e Damão, para que em todo mundo se perfilasse, ao lado do salazarismo, aquelas mesmas forças que vemos agir em Kênia ou na Guatemala, nas Filipinas e na Tailândia, no Marrocos e no Irã. Está claro que não podia faltar também no rancho de tartufos a diplomacia de Vargas, à qual os auxiliares de Salazar tecem os maiores elogios.

Os argumentos apresentados "a favor" de Portugal são de um ridículo raro, e causam espanto mesmo quando saídos da lavra dos homens do Pacto do Atlântico ou dos trêfegos diplomatas de Vargas. Se o fato de haver possessões lusitanas na Índia há muitos séculos fosse um "argumento", então isso seria um argumento contra nossa própria independência conquistada depois de uma dominação odiosa de mais de três séculos. E os americanos teriam de devolver à Grã-Bretanha a maior parte de seu solo.

Na realidade, para o imperialismo, trata-se de manter, incrustados na Índia, territórios postos à disposição das forças de guerra e que pretendem onde se instalam bases militares, saqueiam-se as riquezas minerais, e que servem de cabeça-de-ponte para a agressão aos povos asiáticos e à própria Índia, onde cresce e se intensifica o movimento de libertação nacional. E' por isso que o governo da Grã-Bretanha apóia a ingerência estrangeira em assunto de um país que tem por imperatriz a Rainha da Inglaterra.

A posição de Nehru no caso é a de um governante que ilude as massas e só age na medida em que é por elas compelido. Quando as populações submetidas a Portugal incrementaram a luta pela união à Índia, procurou salvar as aparências, enquanto dava tempo às potências imperialistas para se articularem, como estão fazendo, e a Portugal para enviar reforços militares que desembarcam diariamente. Agora, evidentemente em cumprimento do mesmo recado que recebeu Salazar, sugere mediadores e aceita a proposta de "observadores" feita por Portugal, que marcou prazo de 24 horas para resposta. Ninguém põe em dúvida a capacidade que tem o Governo Indiano de reduzir à impotência os agentes de Salazar que espalham o terror, forçando-o assim a negociações realmente condizentes à satisfação dos direitos do povo Indiano.

O encaminhamento rápido da solução que venha a extinguir as possessões portuguesas na Índia pretende-o Nehru obtê-la, se a tal for compelido, evitando quaisquer manifestações populares que poderiam depois voltar-se contra outros e mais importantes fatores da exploração exercida contra o povo Indiano. "Salva" assim sua política, ajudando ao mesmo tempo a "salvar" o salazarismo em crise diante das novas dificuldades com que se viu a braços pela luta do povo Indiano.

Não resta a menor dúvida, porém, que assim como das massas Indianas partiu o verdadeiro movimento de libertação que Nehru procura refrear, delas depende também a decisão dos acontecimentos, capazes de levar a atitudes mais enérgicas mesmo os desmoralizados membros do Partido do Congresso que detém o Poder na Índia.

Após a derrota na Indo-China

RENOVAM OS BELICISTAS IANQUES SUAS INVESTIDAS CONTRA A ÁSIA

AINDA antes de iniciar-se a Conferência de Genebra, o imperialismo norte-americano desenvolveu o máximo de esforços para arrancar da Grã-Bretanha e da França compromissos prévios relativamente a um chamado Pacto de Defesa do Sudeste da Ásia. A impotência dos incendiários de guerra, tolhidos pelas exigências da opinião pública mundial e pelos êxitos políticos e militares das forças da paz não permitiu no momento ao Departamento de Estado levar adiante seus planos que tinham por escopo anular todo o trabalho em prol do armistício já executado pelos representantes das diversas potências que discutiam o problema da Indo-China.

«Revolução Geográfica»

Agora, na anunciada Conferência de Baguio (Filipinas) forcejarão os monopólios dos Estados Unidos para levar a cabo o que eles mesmos classificam como sendo contrapartida do Pacto do Atlântico. Participarão das conversações de guerra, ao que se anuncia, os representantes dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Austrália, Nova Zelândia, Filipinas e Tailândia, isto é, os representantes dos países colonialistas da região e aqueles Estados que ainda se mantêm inteiramente dominados por eles. As principais potências dessa parte do mundo manter-se-ão ausentes: não só a China contra a qual o futuro pacto militar é acintosamente dirigido como também os membros do chamado grupo de Colombo (Índia, Paquistão, Indonésia, Birmânia e Ceilão). Dêsse modo, a simples enumeração dos participantes da reunião de Baguio serve para revelar o caráter de intromissão nos negócios asiáticos realizada pelas potências imperialistas, a mando dos Estados Unidos. Nesse sentido, as medidas preliminares se apresentam como tendo fracassado em alguns de seus propósitos mais importantes que era o grupar um vasto bloco de nações que, a propósito de deter a «agressão», se prestassem a colaborar com toda a atividade nos planos de longo alcance que os imperialistas têm para aquela zona.

O plano confessado é o de criar a Organização do Tratado da Ásia do Sudeste (OTASE), e ninguém deve espantar-se de que a maioria dos participantes não estejam nem na Ásia, nem a sudeste desta, pois já ficou dito que a OTASE é encarada como uma repetição local do Pacto do Atlântico que iniciou,

uma completa «revolução geográfica».

Ainda não desistiram os diplomatas americanos e britânicos de entrosar os próprios países do grupo de Colombo com o planejado Tratado da OTASE, seja por sua participação direta, seja por meio de outros elos. O ministro do Exterior da Austrália, por exemplo, propõe, para servir seus sócios americanos, que haja dois tratados: um, geral, restrito a uma simples declaração pacífica e contra a agressão, redigido de tal forma que facilite sua assinatura; outro, limitado, apenas acordado entre os membros principais do novo bloco agressivo. Os dois tratados seriam, então, na verdade, três porque já existe o ANZUS (Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos) de cujas negociações nem mesmo a Grã-Bretanha obteve licença de participar, sequer na qualidade de observadora.

Objetivo: rasgar os acordos de Genebra

As declarações de Dulles, de Casey e de outros promotores da idéia não deixam dúvidas de que a principal finalidade do mesmo é intervir nos negócios internos dos países da região, inclusive naqueles que os compromissos solenes de Genebra determinaram serem livres, independentes e necessariamente afastados de qualquer bloco militar. Dulles disse, por exemplo, em recente declaração à Câmara dos Representantes que seria possível «traçar uma linha pelo paralelo 17», embora se saiba que dentro dessa linha ficariam incluídos Estados como a Birmânia (que se recusou a ir a Baguio), Cambodge, Laos e

Viet-Nam nos quais estão previstas eleições para que o povo decida livremente o regime de sua preferência. Assim, os Estados Unidos que se recusaram a assinar a ata final de Genebra proclamam abertamente o seu desejo de rasgá-la. Mais claras, ainda, são talvez as declarações do ministro Casey feitas à revista oficial do Departamento de Estado americano «U.S. News and World Report». «O mais importante aspecto» disse ele é a «infiltração e subversão dos países do SE da Ásia»... Estamos cons-

cios desse problema e estamos pensando nêles». Aos povos da Ásia que lutam e alcançam diariamente novas vitórias os imperialistas procuram assim impor sua própria vontade, embora as experiências nesse sentido se tenham mostrado inteiramente vãs.

Mais um aborço dos belicistas

Nem por isso, porém, pode ser desprezado o perigo que representa para a paz na Ásia a nova articulação promovida pelos monopólios ianques. Na reunião de Baguio, de caráter preliminar, já se poderão delinear novas dificuldades para levar avante a OTASE, inclusive pelas divergências que já se manifestam entre seus próprios mentores. Antes ainda de nascer, a OTASE já padece, pelo visto, do mal incurável que está levando à morte sua irmã mais velha, a Organização do Tratado do Atlântico Norte, que chega à idade de casar e ainda não encontrou noivo.



A Visita de Attlee e Bevan à República Popular Chinesa

A PARTIDA para a China de importante missão do Partido Trabalhista Britânico revela a que ponto se impõe na Inglaterra a necessidade de maiores contactos com os países do campo democrático. Trata-se de uma delegação formada por representantes das diversas alas do Partido Trabalhista, incluindo seu dirigente máximo, Attlee, e o chefe da chamada ala «esquerda», Aneurin Bevan.

Precisamente no período em que esses homens exerciam o governo na Grã-Bretanha, processou-se a libertação do grande povo chinês e eclodiu a guerra da Coreia, na qual eles formaram ao lado dos piores representantes da agressão americana. Homens e materiais ingleses encontraram a morte e a destruição porque chefes da categoria de Attlee se constituíram nos campeões da submissão da política do Reino Unido à dos Estados Unidos e promoveram, juntamente com os assessores de Eisenhower e Dulles, atos visando à dominação mundial por parte dos anglo-americanos. Assim, a visita dos membros mais importantes do Partido Trabalhista é, em primeiro lugar, um reconhecimento público, de que a nova correlação de forças não permite sonhos de destruir o invencível campo da democracia e do socialismo.

Os últimos anos, em decorrência da política de guerra do governo inglês, a Grã-Bretanha vive em dificuldades econômicas cada vez maiores. Ultimamente, porém, vencendo a oposição norte-americana, o governo de Churchill aceitou os oferecimentos da China para um maior incremento das trocas comerciais, decidido em recentes negociações, ao passo que se normalizaram as

relações diplomáticas. Dêsse modo, os dois grandes partidos que representam a seu modo os interesses do capitalismo inglês estão agora acordos em que é necessário consolidar as novas relações, em benefício daqueles próprios interesses. Isto quer dizer que as contradições entre a política ianque e a britânica, em lugar de se arrefecerem como procuram fazer certos comunicados oficiais, atinge maior profundidade. Nas últimas eleições o Partido Trabalhista obteve maioria de votos, embora o sistema eleitoral antidemocrático vigente o tenha privado do Governo. A qualquer momento, a derrota de Churchill numa questão de confiança pode trazer os trabalhistas novamente ao Poder e êsse é mais um aspecto adicional que reforça o significado da atual iniciativa.

Não é por acaso que desde alguns meses atrás os dirigentes da política norte-americana e seus porta-vozes passaram a atacar Attlee, e essa viagem então em projeto. O conhecimento direto da China por parte de homens que têm influência decisiva na política inglesa reforçará a corrente majoritária que na Inglaterra se bate por uma posição mais firme em relação ao reconhecimento dos direitos da China, e da necessidade de sua participação ativa na ONU, onde lhe usurparam o lugar no Conselho de Segurança.

Por todos êsses motivos a viagem dos chefes do Partido Trabalhista Britânico à China, apesar de seu caráter não governamental, se reveste de indiscutível importância, não apenas para os assuntos sino-ingleses mas para a própria defesa da coexistência pacífica entre Estados de sistema social diverso, o que vale dizer que muito poderá decorrer dela em benefício da paz.

A Situação de Fernando Lacerda Perante o Partido

CAMARADAS!

A convocação e a realização do IV Congresso do Partido nos colocam diante de novas e grandes responsabilidades. Mais do que nunca precisamos ser vigilantes, velar com redobrada perspicácia pela unidade de nossas fileiras, saber defender com firmeza revolucionária o Partido de todas as tentativas do inimigo no sentido de golpear por dentro a unidade de nossas fileiras.

É evidente que estamos conseguindo dar passos consideráveis no sentido de impulsionar e ampliar a democracia interna no Partido. Vivificam-se as fileiras do Partido, cresce sua combatividade e reforça-se sua unidade inquebrantável. O entusiasmo com que foram recebidos por todos os militantes e organizações do Partido o projeto de Programa e as modificações nos Estatutos constitui o melhor penhor da unidade monolítica de nossas fileiras.

A discussão aberta com a convocação do IV Congresso tem sido útil em todos os sentidos, inclusive porque serviu para pôr a descoberto diante de todo o Partido os pontos-de-vista antiprolétaires e antileninistas de um dos candidatos a membro do Comitê Central. Refiro-me a Fernando Lacerda.

Devemos agora decidir se é admissível que permaneça como candidato a membro do organismo dirigente máximo do Partido e que, como tal, participe do IV Congresso do Partido, quem professa e predica idéias contrárias às defendidas pelo proletariado revolucionário e pelo Partido de que é militante e dirigente.

O Comitê Central tem assegurado a todos os membros do Partido absoluta e completa liberdade de crítica para os debates do IV Congresso, mas não pode olvidar que nós, comunistas, não somos liberais. "Nosso Partido — disse o grande Stálin — não seria um Partido leninista se considerasse admissível a existência de elementos antileninistas em suas organizações." Para nós, os interesses do Partido estão acima do democratismo formal. Na defesa dos interesses do Partido não temos o direito de vacilar, por menos que seja. Desde que os pontos-de-vista defendidos por Fernando Lacerda publicamente confirmam e reforçam a desconfiança já existente no Comitê Central a respeito de sua fidelidade ao Partido e à sua unidade, não podemos de forma alguma admitir que permaneça por mais tempo em nosso meio e que utilize a sua qualidade de candidato a membro do Comitê Central para participar pessoalmente do IV Congresso e conhecer suas decisões, inclusive as de caráter reservado e muito especialmente a composição dos órgãos centrais do Partido.

É um preceito stalinista, que temos procurado seguir, evitar na direção do Partido a política de amputação. Mas é certo, igualmente, que devemos defender o Partido com a maior firmeza. Nas condições atuais, quando se aprofunda a luta de classes em todo o mundo e em nosso país, devemos redobrar a vigilância revolucionária, temos a obrigação de tomar todas as medidas práticas, sem ver pessoas, antiguidade e postos, para salvaguardar o Partido contra todas as tentativas sub-reptícias do inimigo no sentido de golpear por dentro o bloco monolítico que precisa e deve ser.

Esta questão da confiança do Comitê Central em Fernando Lacerda, especialmente em sua fidelidade ao Partido e à sua unidade, não é de hoje. Já em fevereiro de 1952, quando expulsamos do Partido o renegado Crispim, o Comitê Central manifestou unanimemente sua estranheza diante do comportamento de Fernando Lacerda e entregou à Comissão de Verificação de Quadros o exame mais acurado das relações não-partidárias que, conforme confessou de viva voz, chegou a manter com o referido traidor. Com a convocação do IV Congresso do Partido, era de esperar que Fernando Lacerda utilizasse o debate aberto para esclarecer de uma vez por todas sua posição diante do Partido e que, com uma autocritica honrada, concorresse para o fortalecimento do Partido e de sua unidade em torno do projeto de Programa ao qual, como candidato a membro do Comitê Central presente à reunião de dezembro de 1953, dera sua aprovação.

Fernando Lacerda preferiu, no entanto, tomar por outro caminho, quis aproveitar-se do debate aberto com a convocação do IV Congresso para combater o Programa do Partido e, a pretexto de autocritica, utilizar a imprensa do Partido para difundir suas opiniões anti-Partido, atacar a Internacional Comunista, lançar insinuações caluniosas a diversos dirigentes do Partido e, inclusive, ridicularizar a própria direção do Partido. Seus numerosos artigos e suas frequentes cartas à direção do Partido não têm por mira melhorar nossa obra comum, mas piorá-la, não visam o fortalecimento do Partido, mas sua decomposição e seu descrédito. É o que iremos demonstrar.

I — Luta aberta contra o Programa do Partido

Quando ao Programa do Partido, diz Fernando Lacerda que "propor emendas a formulações não é atacar as teses básicas do Programa", que "a essas teses básicas de nosso Programa" deu na reunião do Comitê Central seu "voto entusiástico", e que foi "para tentar ajudar a aplicação dessas teses básicas que apresentei emendas a FORMULAÇÕES" (o grifo é de FL). (Ver o artigo não publicado de FL — "Esclarecendo dúvidas em torno de artigos meus"). No entanto, qual é de fato a posição de Fernando Lacerda diante do Programa do Partido? Que diz no seu artigo — "Cuidado com 'delírios esquerdistas' na aplicação do Programa do P. C. B.", publicado no Suplemento do número 251 da VOZ OPERÁRIA? Nesse artigo, a pretexto de "aplicação do Programa", propõe pura e simplesmente que se elimine do Programa do Partido a exigência da derrubada do governo de Vargas. Para Fernando Lacerda semelhante exigência pode levar a "delírios esquerdistas", devemos nos limitar a reclamar uma "revolução antifeudal e antiperfideia" para "acabar com a política de tração nacional, etc.; como a que faz agora o governo de Vargas e fará todo o governo de grandes feudais e grandes capitalistas, servidores do imperialismo norte-americano." Como se vê, a pretexto de modificar meras formulações, Fernando Lacerda quer fugir da questão fundamental de toda revolução que é a questão

LUIZ CARLOS PRESTES INFORME AO COMITÊ CENTRAL

do Poder. Em vez da derrubada de Vargas propõe, como objetivo do proletariado, acabar com a atual política de Vargas, o que significa supor que sem derrubar Vargas e, portanto, sem liquidar o poder político dos latifundiários e grandes capitalistas, seja possível no Brasil um governo que realize uma política de paz e progressista. Trata-se, na verdade, de um ataque frontal a todo o Programa, de lançar a confusão nas fileiras do Partido para propor a substituição da linha revolucionária do Partido, exposta no Programa, pela linha oportunista, antiprolétaires, de Fernando Lacerda. E na sua tentativa sorrateira e dissimulada, não vacila Fernando Lacerda em tentar a própria deturpação de formulações do Programa. É assim que depois de propor introduzir modificações em "uma formulação repetida várias vezes no Programa", tem a audácia de afirmar: "Refiro-me à formulação de 'DERRUBADA DO GOVERNO DE VARGAS', como diretiva imediata, neste momento". Desmascarado, neste passo, pelo camarada Grabois, ainda tenta Fernando Lacerda fazer uma retirada de última hora, mas renova no fundamental seu ataque ao Programa: "Realmente, Grabois tem razão. Não há no Programa nada que se pareça a uma diretiva — que é o que Stálin define e Grabois cita — quanto à 'derrubada de Vargas'. Entretanto, meu pensamento sobre o perigo da formulação referida é, como direi abaixo, justo." (Ver o artigo não publicado de FL — "Esclarecendo dúvidas em torno de artigos meus").

É evidente, pois, que Fernando Lacerda lançou-se à luta aberta contra o Programa do Partido. Quando escreve que é necessário ter cuidado com "delírios esquerdistas" na aplicação do Programa, insinua perversamente que, no Programa do Partido, a firme exigência da derrubada de Vargas não passa de um "delírio esquerdistas". Como acontece com todo oportunista, Fernando Lacerda procura colocar juntos princípios marxistas, proletários, e princípios oportunistas, pequeno-burgueses. Sua tática consiste em reconhecer em palavras a necessidade do regime democrático-popular, mas em nada dizer a respeito da necessidade da derrubada de Vargas, a fim de poder na prática realizar uma política menchevique, de colaboração com os oportunistas e a grande burguesia servil do imperialismo.

A posição de Fernando Lacerda é exatamente a de quem teme a revolução. Não confia nas forças da classe operária e do povo. Por isso não pensa nem de longe na luta prática pelo Poder que para ele, como acontece com todo oportunista, deve ser eternamente adiada, relegada a completo esquecimento. Isto se revela claramente no ataque que desfecha contra outro princípio básico do Programa do Partido, relativo às relações com a burguesia nacional, em seu artigo intitulado — "Nenhuma guinada para a direita na aplicação do Programa!" (Suplemento da VOZ OPERÁRIA, número 253). Como ensina o camarada Stálin, "...quem teme a revolução, quem não quer levar os proletários ao Poder, não pode interessar-se pelo problema dos aliados do proletariado na revolução; para quem assim procede, o problema dos aliados é um problema indiferente, sem valor de atualidade." Silenciando a respeito das modificações havidas no cenário mundial em consequência da derrota militar do nazismo na segunda guerra mundial e da política expansionista e agressiva dos círculos dirigentes de Washington no pós-guerra, silenciando a respeito da situação do Brasil ameaçado de completa colonização pelos Estados Unidos, pretende Fernando Lacerda com a citação mecânica e inadequada de diversas passagens de Stálin, lançar a confusão nas fileiras do Partido a respeito da possibilidade de ganhar a burguesia nacional para o lado do proletariado na atual etapa da revolução. Manifesta-se contra a ampla frente democrática de libertação nacional proposta pelo Programa e que pretende seja reduzida a um bloco nacional revolucionário de operários, camponeses e da intelectualidade revolucionária apenas, sem qualquer referência às demais camadas da pequena burguesia e da burguesia nacional citadas expressamente no capítulo IV do Programa. Para Fernando Lacerda é "má, falsa e perigosa essa previsão" do Programa de que a aliança operário-camponesa possam juntar-se, não apenas "uma parte dos grandes industriais e comerciantes", como pretende Fernando Lacerda, mas as diversas camadas da pequena burguesia urbana e a burguesia nacional, inclusive uma parte dos grandes industriais e comerciantes. Confundindo a burguesia nacional com as forças do campo feudal-imperialista, Fernando Lacerda deixa de lado a grande influência ainda exercida pela burguesia nacional e quer o isolamento do proletariado. Como típico oportunista, Fernando Lacerda pretende continuar falando em revolução, mas, como teme a revolução e não confia nas forças da classe operária e do povo, não quer lutar pela ampla frente democrática de libertação nacional que é o instrumento indispensável à vitória da revolução antiperfideia e agrária antifeudal no Brasil. Fernando Lacerda quer falar em revolução e passar por comunista para enganar o povo e melhor servir aos latifundiários e grandes capitalistas e a seus amos os imperialistas norte-americanos. A linha política que professa e pretende propagar através da "Tribuna do IV Congresso" torna inadmissível sua permanência nas fileiras de nosso Partido, muito especialmente, na qualidade de candidato a membro do organismo dirigente máximo do Partido.

II — Defesa do liquidacionismo de 1942-1945

Fernando Lacerda não tentou apenas propagar através da imprensa do Partido uma orientação política antiprolétaires. Quis utilizar o debate aberto com a convocação do IV Congresso para, a pretexto de autocritica, procurar mais uma vez justificar e mesmo defender suas velhas posições errôneas, já criticadas pelo Partido, para difundir seus pontos-de-vista anti-Partido, para deturpar a história do Partido e veicular as mais torpes insinuações caluniosas sobre conhecidos e respeitados dirigentes. Basta que examinemos

aqui o que escreveu a pretexto de autocritica de seus conhecidos e graves erros liquidacionistas em 1942-1945 e sobre suas relações anti-Partido com o traidor e renegado Crispim.

Em vez de uma autocritica honrada de suas posições liquidacionistas no período de 1942 a 1945, enviou Fernando Lacerda para ser publicado na "Tribuna do IV Congresso", sob o título de — "O liquidacionismo de 1942-1945 e minha posição", um singular artigo em que se apresenta como vítima dos liquidacionistas. Depois de ter o atrevimento de chamar de liquidacionistas os camaradas que foram colocados à frente do Partido pela Conferência da Mantiqueira, a pretexto de que com a palavra de ordem de "Apoio incondicional a Vargas", "liquidavam, realmente, o papel independente do PCB", Fernando Lacerda enumera o que denomina de suas posições falsas e conclui: "Como resultado dessas posições falsas eu dei, durante dois anos, armas aos liquidacionistas de todos os tipos a que me refiro atrás; em especial, facilitei a exploração do meu nome pelo pior grupo liquidacionista, o de Silo e Ilvo Melrelles, em suas intrigas e calúnias infames contra os mais honestos camaradas da CNOP". Como se vê, Fernando Lacerda pretende aqui passar de dirigente a dirigido e vítima. Quanto à conhecida entrevista a "Diretrizes", semanário do sr. Samuel Wainer, como seria impossível uma simples negativa, tem a audácia de afirmar que ao elaborar aquele documento pretendia seguir os conselhos de Lenin sobre a "língua de Esopo" e agrega: "redigindo meus pensamentos em 'termos velados', para poder sair publicados e levar aos camaradas do PCB, inclusive os da CNOP — aos antieixistas em geral certas alertas e algumas sugestões que me pareciam úteis." Como foi, porém, entendida a repugnante fábula de Fernando Lacerda? — Posso, neste passo, dar meu testemunho pessoal, porque no cárcere em que me encontrava completamente isolado da atividade política, desconhecendo totalmente o que se passava no Partido, ao ler em maio de 1944, com um ano de atraso, a referida entrevista de Fernando Lacerda, senti-me na obrigação de levantar meu protesto e de empregar todos os esforços para fazer chegar ao conhecimento do Partido e do próprio Fernando Lacerda minha opinião sobre tão degradante documento que, como tive então ocasião de escrever, expunha a linha liquidacionista de um pequeno-burguês empânico. É evidentemente mentirosa portanto, a nova fábula agora inventada por Fernando Lacerda para pretender justificar o crime que cometeu contra o Partido como dirigente que efetivamente foi dos elementos que, infiltrados em nossas fileiras, quiseram aproveitar a situação que atravessava o Partido para ver se acabavam de vez com suas organizações. Mas, apesar de seu esforço por ludibriar o Partido e utilizar o debate do IV Congresso para voltar a difundir suas calúnias e injúrias a militantes e dirigentes do Partido, Fernando Lacerda não consegue ocultar o fim que visava com a sua posição liquidacionista — impedir o desenvolvimento do movimento patriótico pela participação do Brasil na guerra ao lado da União Soviética e pelo envio de uma força expedicionária para a Europa, movimento que era liderado pelo Partido Comunista. Para Fernando Lacerda, ainda agora, a remessa da FEB à Europa não foi uma vitória do povo brasileiro, mas um fator que ajudou aos imperialistas anglo-americanos a sabotarem a abertura da segunda frente na França. Diz por isso no artigo citado que "Vargas se apressou em ajudar essa tapeação, enviando à Itália a nossa FEB". Nestas condições, é evidente que ainda agora Fernando Lacerda é contrário ao movimento patriótico que foi dirigido pelo Partido Comunista e que obrigou a Vargas a romper relações com a Alemanha hitlerista e a enviar a FEB à Europa para participar ao lado das gloriosas forças armadas soviéticas da luta contra o nazismo. A defesa consequente dessa posição tipicamente nacionalista e anti-soviética tinha que levá-lo, como de fato o levou, à posição de chefe incontestado do bando liquidacionista. Não se trata, portanto, de posições falsas, de erros e equívocos inconscientes, mas de uma política consequente de um inimigo da classe operária, que com semelhantes idéias não pode evidentemente permanecer como membro de nosso Partido e em quem não podemos com razão confiar.

III — Relações anti-Partido com o renegado Crispim

Quando às suas relações anti-Partido com o renegado José Maria Crispim, o artigo enviado à "Tribuna do IV Congresso" por Fernando Lacerda sob o título de — "Minha falta de vigilância revolucionária diante do renegado Crispim", não passa de mais uma tentativa no sentido de veicular insinuações caluniosas contra dirigentes do Partido, de estimular o fracionismo e de pretender mais uma vez ludibriar o Partido. Fernando Lacerda confessa que recebeu e tomou conhecimento de dois documentos da pena de Crispim e que, apesar do caráter francamente fracionista de tais documentos, nada comunicou à direção do Partido e logo tratou de entrar diretamente em entendimento pessoal com o referido traidor simplesmente porque este último, como escreve Fernando Lacerda, "tendo dados concretos sobre a existência de espíões titistas na CE, desejava m'os apresentar". A semelhante atitude que revela com nitidez a preocupação de Fernando Lacerda no sentido de unir-se a quem quer que seja para a luta contra a direção do Partido, pretende agora que se chame apenas de "falta de vigilância revolucionária"... Ainda neste caso, pretende Fernando Lacerda fazer-se passar por vítima, por pessoa honesta e militante honrado que foi "iludido", como escreve, por Crispim e seu bando. Isto, no entanto, não é verdade. O próprio Fernando Lacerda confessa noutra passagem de seu artigo que não poupou esforços no sentido de ensinar ao traidor Crispim qual a melhor e mais eficiente maneira de lutar contra a direção do Partido. Confessa em seu artigo: "Enquanto esperava tais provas concretas, confiando sempre no passado dos três 'acusadores' (refere-se aos traí-

(Conclui na página seguinte)

A Situação de Fernando Lacerda Perante o Partido

(Conclusão da página anterior)

fores Crispim, Pinho de Varela), acreditei que eles quisessem mesmo lutar por descobrir e limpar o PCB de inimigos mascarados. E resolvi afastá-los dos métodos que usavam para isso — o derrame dos documentos de Crispim nas bases do Partido — métodos que só poderiam dar armas aos próprios espíões titistas que eles pensavam combater... E é evidente que Fernando Lacerda com tais palavras quer ensinar através da "Tribuna do IV Congresso" a seus paniguados qual a melhor maneira de lutar contra a direção do Partido e contra o próprio Partido. Mais sabido e experiente que o traidor Crispim, compreende Fernando Lacerda que para lutar contra o Partido é indispensável, antes e acima de tudo, permanecer em suas fileiras, utilizar com habilidade a tática de uma dupla face, submeter-se formalmente à disciplina do Partido, a fim de poder continuar destilando o veneno do fracionismo e não poupando esforços para propagar nas fileiras do Partido toda espécie de insinuações caluniosas contra seus militantes e dirigentes de maior prestígio.

Para que se possa ver a compreensão que tem Fernando Lacerda do que seja a fidelidade ao Partido, basta comparar dois trechos de seu artigo não publicado, intitulado — "Minha falta de vigilância revolucionária diante do renegado Crispim". Numa passagem escreve que chamado à presença de delegados da Comissão Executiva para dizer em que se baseava para declarar que suspeitava existirem "titistas" na direção do Partido, "confirmei a carta, sem citar os nomes dos três elementos que me procuraram." E agrega clinicamente: "Não os nomeei, em respeito dogmático ao princípio de nunca levantar suspeitas sobre camaradas senão dentro de um organismo competente do Partido; mas, em especial, porque um dos delegados da CE, o camarada X, era acusado pelos três elementos citados e eu temia que estes últimos — que ainda eu considerava honestos — sofressem injustiças..." (O ponto de exclamação e as reticências são do próprio FL). Mais adiante, quando Crispim não se submeteu por completo à direção de Fernando Lacerda e negou-se a fazer a declaração solicitada por Fernando Lacerda ao seu pupilo, "defendendo a direção do Partido", a manobrar, portanto, para tentar sua permanência no Partido e em sua direção, só então confessa amargurado Fernando Lacerda, "percebi, logo que Crispim não era nosso mais". Isto significa que enquanto Crispim não foi desmascarado pelo Partido, enquanto Fernando Lacerda julgou possível conservá-lo como um dos seus no grupo fracionista que evidentemente procura organizar e dirigir para a luta contra a direção do Partido, tratou de ocultar conscientemente, e meses a fio, ao Partido e à sua direção o nome do renegado e que só passou a atacar o traidor depois de sua expulsão pelo Comitê Central. Quer dizer, só o denunciou quando este se tornou de todo inútil, por já desmascarado, para os fins criminosos em que pretendia utilizá-lo.

Depois disso, seria inútil prosseguir. Bastaram, aliás, os artigos de Fernando Lacerda já publicados na "Tribuna do IV Congresso" para revelar ao Partido que estamos diante, não de um camarada equivocado que quer utilizar os debates para esclarecer-se ou que por ignorância e baixo nível político e ideológico não esteja à altura de compreender a linha do Partido e seu Programa, mas de pessoa que intencionalmente procura lançar a confusão nas fileiras do Partido e quer utilizar o debate aberto com a convocação do IV Congresso para propagar idéias antiproletárias e antileninistas e erguer, assim, a bandeira do grupo fracionista que ainda julga possível organizar e do qual pretende e quer ser o chefe supremo e intocável. Se bem que não oculte, como vimos, suas pretensões a professor na arte da duplicidade e na tática a empregar na luta contra a direção do Partido e contra o próprio Partido, Fernando Lacerda não teve sucesso, porque subestimou o crescimento do Partido, a rápida elevação que se deu nos últimos anos do nível ideológico de suas fileiras, e o inquebrantável espírito de unidade e fidelidade ao Partido que as anima.

IV — Insistência no erro e atividade sistemática contra o Partido

A atuação de Fernando Lacerda no Partido caracterizou-se sempre por concepções e atitude pequeno-burguesas, reveladas em sucessivas manifestações, ora de direita, ora de "esquerda", como em profundas incompreensões sobre o caráter e o papel do Partido. De origem burguesa, não conseguiu jamais assimilar a ideologia do proletariado. Seu "espírito de patriarca de tribo", como ele próprio costumava dizer, mas, fundamentalmente, sua presunção e a resistência sistemática à autocritica não lhe permitiram progredir ideologicamente e, por isso, em todos os momentos cruciais da luta revolucionária no Brasil, suas posições foram em geral contrárias aos interesses do Partido, da classe operária e do povo. Defendendo posições sectárias e "esquerdistas" no período de 1931 a 1934, Fernando Lacerda foi um dos maiores responsáveis pelos erros ultra-esquerdistas então cometidos pela direção do Partido e que a este tanto prejudicaram, isolando-o das massas e levando-o a sérias derrotas na luta contra Vargas e os imperialistas.

Mais tarde, depois de alguns anos de permanência na União Soviética, quando o Partido, após os duros golpes policiais de 1940, atravessava uma difícil situação e seus militantes mais abnegados faziam ingentes esforços para reestruturar a direção central, Fernando Lacerda lutou abertamente pela liquidação do Partido. Defendendo de início a tese de que a luta contra o nazi-fascismo no Brasil deveria ser feita exclusivamente pelo governo e passando depois à conspiração golpista ao lado de conhecidos agentes do imperialismo norte-americano, Fernando Lacerda tudo fez para liquidar o Partido e para impedir o desenvolvimento do movimento patriótico pela participação do Brasil na guerra ao lado da União Soviética. Para Fernando Lacerda, submeter-se ao Partido era então uma "capitulação" e "uma grosseira provocação", já que o Partido Comunista, como teve ocasião de escrever, só existia então porque assim o exigiam "as conveniências da indústria de repressão ao comunismo". (Ver carta a mim dirigida em 28 de julho de 1943). Utilizando seu prestígio de antigo dirigente do Partido e o fato de estar de regresso da União Soviética, explorando clinicamente os nomes de camaradas de prestígio internacional como Dimitrov e Manuiskil, deturpando

o fato da dissolução da Internacional Comunista, Fernando Lacerda levantou abertamente a bandeira da dissolução de todas as organizações legais do Partido, o que vale dizer, da dissolução do próprio Partido. E na luta por este objetivo criminoso empregou todas as armas, não vacilando sequer na utilização das mais torpes calúnias e injúrias contra os militantes e dirigentes que lutavam pela reestruturação da direção central do Partido. Fernando Lacerda, referindo-se aos militantes e dirigentes que conservavam empunhada e ao alto a bandeira do Partido, dizia-me textualmente que não passavam de "...elementos carreiristas, aventureiros e provocadores infiltrados no movimento popular e proletário, os quais, através de ação tão sistemática quanto inescrupulosa, lograram influenciar não poucos elementos ingênuos e sectários." (Ver a mesma carta acima citada).

Quando em 1952 o traidor Crispim tentou organizar um grupo fracionista visando assaltar a direção do Partido, a fim de desviá-lo da luta revolucionária contra o regime de latifundiários e grandes capitalistas e contra a dominação dos imperialistas norte-americanos, Fernando Lacerda foi o único membro do Comitê Central que se apoiou e tudo fez para evitar que o renegado fosse descoberto e desmascarado. Ouvia com satisfação as mentiras e calúnias levantadas pelo traidor contra membros responsáveis do Comitê Central e não nega que pretendia utilizá-las na luta contra o Partido, só não o fazendo porque, para surpresa sua, o renegado Crispim foi reduzido à impotência pela ação rápida e enérgica do Comitê Central em defesa do Partido. Dirigiu-se, no entanto, à direção do Partido procurando salvar o traidor Crispim e tentou na reunião do Comitê Central de fevereiro de 1952 defendê-lo.

V — Contra o internacionalismo proletário

Uma questão altamente relevante que mostra o quanto Fernando Lacerda está contra a revolução e contra a classe operária é sua posição prática diante do internacionalismo proletário. Já vimos como lutou nos anos de 1942 a 1945 contra a participação do Brasil na guerra ao lado da União Soviética. Quando das festividades organizadas e dirigidas pelo Partido num dos últimos aniversários do grande Stalin, Fernando Lacerda chegou a escrever à direção do Partido manifestando sua reprovação e protesto. Para Fernando Lacerda, homenagear Stalin era dar armas ao inimigo. E ainda agora, em diversos de seus artigos enviados à "Tribuna do IV Congresso", a pretexto de autocritica de seus erros de 1931 a 1933, procura atacar a Internacional Comunista e divulgar na imprensa do Partido as calúnias burguesas a respeito de uma suposta intervenção direta e brutal da Internacional Comunista em suas seções em cada país. E' assim que no artigo intitulado — "Erros antigos que dão lição ao presente", enviado à "Tribuna do IV Congresso" e não publicado, Fernando Lacerda silencia que coube à Internacional Comunista a iniciativa no sentido de que o Partido Comunista do Brasil modificasse em 1930 a linha oportunista de direita que fora sancionada pelo III Congresso do Partido. Com a sua costumeira e ridícula presunção declara no referido artigo: "Fiz-me, assim, um dos principais dirigentes da "virada" contra esses oportunistas direitistas". Quanto à Internacional Comunista, confunde-a perversamente com os Ciano e Guralski. Ainda desta vez, para fugir à autocritica e fazer-se de vítima, Fernando Lacerda não vacila em difundir as calúnias burguesas contra a Internacional Comunista. O Partido Comunista do Brasil que educa seus militantes no espírito de fidelidade inabalável ao internacionalismo proletário, que se orgulha de sua filiação à Internacional Comunista e que sempre reconheceu a inestimável ajuda que a Internacional Comunista de Lênin e Stalin deu para a formação de nosso Partido, repele, com firmeza e veemência as calúnias de Fernando Lacerda.

VI — Duplicidade nas relações com o Comitê Central

E' indispensável ainda assinalar, na atividade de Fernando Lacerda como militante e dirigente do Partido, sua constante duplicidade em suas relações com o Comitê Central e, mais particularmente, com o Presidium do Comitê Central. Já vimos como se negou a denunciar a traição de renegado Crispim, quando já de posse dos elementos que permitiriam ao Comitê Central o seu mais rápido desmascaramento. Quando lhe foram exigidos detalhes de suas conexões e estreitas relações antipartidárias com o traidor Crispim, dos conselhos e do dinheiro dado ao traidor para "SALVA-LO de cair em laços, que de certo, os VERDADEIROS titistas armariam" (são palavras do próprio FL); os gritos são também de FL) e das teses para um pretenso Congresso do Partido que confessou ter redigido a pedido do traidor, Fernando Lacerda, em vez de autocritica de suas comprovadas atividades fracionistas, fez todas as negações, tergiversou de todas as maneiras até o ponto de ter a desfaçatez de escrever à direção do Partido nestes termos: "Creio que VV. não podem ter dúvidas de que FUI O PRIMEIRO A DAR O ALERTA SOBRE O PERIGO TITISTA. O certo é que FUI O PRIMEIRO A ALERTAR SOBRE O PERIGO TITISTA E O PRÓPRIO DIVISIONISMO DE CRISPIM". (Os gritos são de FL na carta de 8 de março de 1952 à direção do Partido). Com o evidente propósito de tentar enganar a direção do Partido e de espalhar a desconfiança entre os seus membros escreve cartas ao Presidium e ao Secretário Geral do Partido, levantando suspeitas veladas e insinuações maliciosas a respeito de "espíões titistas" infiltrados na mais alta direção do Partido. Quando se lhe exige que fale claro, sem reticências, quando se lhe exige fornecer os elementos concretos em que se baseia para fazer tão graves acusações tergiversas, aproveita as reuniões do Comitê Central para fazer declarações de amor aos mesmos dirigentes contra os quais evidentemente dirige as mais infames insinuações caluniosas e chega ao ponto de exigir minha participação pessoal nas discussões consigo. Sua insistência, aliás, em tal exigência, quando a polícia de Vargas e os serviços secretos dos governantes dos Estados Unidos tudo fazem para saber onde realmente se encontro, constitui uma "ingenuidade" digna de nota e bastante suspeita. Perfeitamente ciente de que os artigos publicados na

"Tribuna do IV Congresso" são da responsabilidade exclusiva de seus autores, insiste Fernando Lacerda, em repetidas cartas ao Presidium do Comitê Central, que os submeta à direção do Partido, ao Presidium do Comitê Central, e tenta insinuar que se não publicados é porque merecem a aprovação do Presidium e não podem, portanto, ser criticados e desmascarados por quem quer que seja no que diz respeito ao contrabando ideológico que pretendem veicular. E toma então a liberdade de declarar por escrito que discorda de seus artigos e desmantelar a confusão que com eles pretendeu lançar nas fileiras do Partido e tratá-lo "da forma política mais anticomunista, própria da covardia oportunista dos oportunistas social-democratas, os quais não cuidam de "casos espinhosos", não têm ânimo (sem autoridade moral, essa é que é a verdade, amigos!) para encarar de frente tais casos e dar-lhes uma solução proletária revolucionária, marxista... Preferem fazer como Getúlio, com suas manhas e chicanas políticas". (Ver a carta de 23 de junho de 1954). Estas palavras traduzem evidentemente a opinião de Fernando Lacerda sobre a direção do Partido, explicam sua duplicidade, confirmam que estamos em campos opostos, que Fernando Lacerda não passa de um instrumento do inimigo infiltrado em nossas fileiras.

Esta exposição bastante resumida dos fatos é mais do que suficiente para justificar a crescente desconfiança com que o Comitê Central acompanha a atividade estranha de Fernando Lacerda como militante do Partido e candidato a membro do seu organismo dirigente máximo. Preocupados com a defesa do Partido e principais responsáveis pela vigilância revolucionária contra todas as tentativas do inimigo de golpear o Partido por dentro, temos o direito de indagar: que se esconderá por detrás dessa insistência nos erros, dessa atividade sistemática contra o Partido e o seu Comitê Central? Não é possível cruzar os braços diante de tamanha evidência, é inadmissível que permitamos a um candidato a membro do Comitê Central continuar impunemente seu trabalho de desagregação do Partido e de descrédito de seu Comitê Central.

O Comitê Central tem o direito de exigir de Fernando Lacerda que estigmatize aberta e honradamente, ante todo o mundo, os erros por ele cometidos e que chegaram a constituir um crime contra o Partido; tem o direito de exigir que renuncie aberta e honradamente, ante todo o mundo, a seus pontos-de-vista antiproletários e antileninistas. Fernando Lacerda deve depor por completo as armas no sentido ideológico e acabar de uma vez por todas com suas tentativas no sentido de organizar grupos contra a direção do Partido. E' indispensável que ponha fim imediatamente a toda a sua atividade contra a direção do Partido, à qual deve submeter-se e acatar e isto não em palavras apenas.

Esta reunião do Comitê Central é mais uma oportunidade que concedemos a Fernando Lacerda para explicar-se e iniciar a autocritica que, para permanecer nas fileiras do Partido, precisa e deve continuar na organização de base em que for atuar. E' evidente que sua permanência nas fileiras do Partido dependerá do esforço que queira fazer para reabilitar-se, da luta que se disponha a travar com a ajuda de todo o Partido por adquirir a ideologia do proletariado e ser fiel e honesto para com o Partido.

Ao excluir Fernando Lacerda do Comitê Central, devemos declarar que continuaremos investigando os fatos que se relacionam com sua atividade contra o Partido, a fim de reunir os elementos que nos permitam decidir com pleno conhecimento de causa se merece continuar como membro do Partido.

A nenhum membro do Partido é dado ignorar que nosso Partido, para consolidar-se orgânica, política e ideologicamente, para entrar no caminho de sua bolchevização, para alcançar a força e a solidez de um verdadeiro Partido revolucionário do proletariado não pode deixar de eliminar de seu seio de elementos não proletários e oportunistas. É ilusão, "uma teoria podre e perigosa", supor que é possível, mediante a luta ideológica travada dentro do Partido, vencer ou "liquidar" os elementos oportunistas. Como ensina o camarada Stalin: "Nosso Partido é um organismo vivo. Como em todo organismo, nele se opera o metabolismo: o velho, o caduco, desaparece, o novo, o que cresce, vive e se desenvolve. Uns, de cima e de baixo, se vão. Outros, de cima e de baixo, se desenvolvem impulsionando nossa obra. Assim cresceu nosso Partido. Assim há de continuar crescendo".

E' depurando o Partido dos elementos oportunistas que avançaremos mais rapidamente para a vitória de nosso Programa, a vitória de nossa justa causa!

RESOLUÇÃO DO COMITÊ CENTRAL DO P.C.B.

- 1 — Depois de ouvir e discutir o Informe do camarada Luiz Carlos Prestes sobre a situação de Fernando Lacerda perante o Partido, o C. C. o aprova por unanimidade.
- 2 — O C. C. adota unanimemente o Informe do camarada Luiz Carlos Prestes como sua resolução a respeito da situação de Fernando Lacerda.
- 3 — O C. C. exclui Fernando Lacerda de candidato a membro do C. C. e entrega o seu caso à Comissão Central de Controle.
- 4 — O C. C. submeterá o caso de Fernando Lacerda ao IV Congresso do Partido.
- 5 — Determinando a discussão do Informe do camarada Luiz Carlos Prestes por todas as organizações e por todos os militantes do Partido, o C. C. chama todo o Partido para estreitar ainda mais a unidade de nosso Partido e para desenvolver com firmeza e coesão a luta pela aplicação dos Estatutos e do Programa do Partido.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

O Programa do PCB e os Ferroviários Da Rêde Viação Paraná-Santa Catarina

O PROGRAMA do P. C. B. indica como resolver as tarefas já maduras da revolução brasileira: unir todo o nosso povo em uma frente democrática de libertação nacional para derrotar completamente o imperialismo americano o maior inimigo do nosso povo. Derrubar o poder caduco dos latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo americano e conquistar o regime democrático-popular. O Programa exprime as mais sentidas reivindicações de nossos trabalhadores e do povo em geral, reivindicações estas que lutamos por elas lutaremos pela aplicação prática do Programa, levando à vitória as diretrizes para a salvação nacional.

Qual a situação dos Ferroviários da R. V. P. S. C.? Quais as reivindicações do Programa que refletem as necessidades dos Ferroviários? Vejamos. A média dos salários, incluindo o abono de Emergência, é de Cr\$ 1.500,00, sendo que uma grande parte dele, como os turneiros, não atinge a Cr\$ 2.000,00 mensais. São sujeitos a uma rigorosa assiduidade e se perdem meio dia de trabalho são descontados 3 dias do total do salário no fim o mês. Nos serviços insalubres muitos não têm direito ao leite mas, também, não recebem porcentagens como deviam receber. Os chefes de trem, telegrafistas, chefes de estação não recebem o quinto que devia ser pago como extraordinário, nem recebem o domínio remunerado. A Rêde nos torna verdadeiros escravos, como acontece com o pessoal que viaja: maquinista, chefes de trem, foguista, etc. que trabalham dia e noite, em média 60 ou 70 dias por mês. De um lado são obrigados a trabalhar pela rêde a pretexto de falta de gente e por outro se obrigam a isso para que seus salários sejam maiores no fim do mês.

Os descontos mensais são enormes, até imposto de renda pagamos. Somos completamente explorados pela cooperativa, cuja diretoria de larários, em comum acordo com a chefia da Rêde, roubamos escandalosamente. A assistência médica e hospitalar é precária. Não temos o direito de sindicalizar-se sob este regime de fome e guerra nos tira há anos esse direito no sentido de impedir a formação de sindicatos. Formaram há 4 anos sua organização de luta, a U. F. da R.V.P.S.C., impulsionado de todas as formas as comunistas reivindicatórias dos ferroviários, mas o governo vem sistematicamente, tentando dissolvê-la através de campanhas mentirosas e violências contra os seus componentes, verdadeiros lutadores contra a exploração. Mas não é só. Existem os lucros fabulosos fornecidos pelo suor dos ferroviários ao governo. Lembramos aqui do ano de 1950, cujos lucros foram de 53 milhões. Nesses 4 anos as tarifas já aumentaram em uma média de 40% e os salários dos operários não atingiram o aumento médio de 30%. Os lucros vêm sendo desviados junto com os orçamentos nacionais para a política de guerra do governo, compra de armamentos, cacos velhos de tanques, mas também para os bolsos da maioria dos Diretores da Rêde e alguns chefes. Essas roubalheiras não aparecem publicamente, elas se encontram nas marmeladas da eletrificação e alguma nova extensão de linha onde os materiais gastos e os preços são cada vez maiores e que nunca mais terminam. No entanto o novo diretor da Rêde, como um presente, culpa os

ferroviários pelo atraso dos trens etc. Claro que com máquinas antiquadas, caído aos pedaços, trilhos gastos, nossos colegas não podem fazer milagres. Já são verdadeiros heróis trabalhando como trabalham.

Com este quadro que apresentamos acompanhado do alto custo de vida é fácil imaginar a miserável situação em que se encontram todos os ferroviários. Existe solução, no Programa do P. C. B., para esta situação? Claro que sim. O importante é lutar por sua aplicação: Nos itens 31, 32, 33, 34 e 35 do Programa estão contidos os verdadeiros anseios dos ferroviários. Citamos alguns: "Fixação do salário mínimo vital que assegure condições de vida normais e humanas, para os operários e suas famílias em todo o País". "Aplicação efetiva da jornada de 8 horas e da semana de 44 horas. Jornada de 6 horas para os que trabalham no subsolo ou em profissões insalubres e para os menores". "Democratização da legislação social, sua ampliação e extensão aos trabalhadores das empresas estatais e assalariados agrícolas". "Garantia de livre organização e do bom funcionamento das organizações sindicais, os sindicatos terão direito de realizar contratos coletivos de trabalho com as empresas privadas e estatais e fiscalizar a sua execução". "Assistência e Previdência Social por conta do Estado e dos capitalistas em todas as formas, incluindo os desempregados". "Aposentadoria e pensão bem como auxílio aos acidentados no trabalho de acordo com as necessidades vitais dos trabalhadores e suas famílias". "Administração e controle dos Institutos e Caixas de Aposentadoria e Pensões pelos Sindicatos". "Abolição de todas as formas de trabalho forçado, das leis de militarização do trabalho e de todas as multas inclusive por motivo de falta ao trabalho".

O P. C. B. exigirá que o governo democrático de libertação nacional cumpra esses pontos assim como todos os demais do Programa. Nas Democracias Populares como viu com os próprios olhos o líder Miguel Pan, já são exemplos de como vivem os ferroviários, em apartamentos com todo o conforto, só trabalham 8 horas por dia ganhando o suficiente, têm o seu sindicato livre, são aposentados com 25 anos de serviço. Enfim não pensam em sua velhice pois o futuro e o de sua família estão garantidos.

O Programa do P. C. B., portanto, reflete as necessidades dos ferroviários da R. V. P. S. C. sendo aplicável em todos os sentidos. No entanto para aplicá-lo no seio dos ferroviários é necessário que nós os comunistas da ferrovia não subestimemos a divulgação do Programa, como estamos fazendo até agora. É urgente distribuí-lo a todos, debater com a massa ponto por ponto, ganhá-la na luta prática por suas reivindicações específicas e gerais, fortalecer a sua organização de luta, a União dos Ferroviários da R. V. P. S. C. Aplicar o Programa no momento significa, que todos os Ferroviários precisam exigir aumento nos salários, aplicação do salário mínimo, efetivação do abono de emergência, lutar contra a assiduidade integral, contra as horas excessivas de trabalho, por aumento de salários para os aposentados, controle das cooperativas. Exigir junto à Rêde, que melhorem as condições dos empregados, melhorem os meios de transporte, trilhos e máquinas novas para desenvolver os. Denunciar energi-

camente as marmeladas feitas pela Rêde para beneficiar os imperialistas americanos no transporte de matérias-primas, em certos trechos das linhas, deixando os demais abandonados. Tomar parte ativa na luta pelo congelamento dos preços apoiar com entusiasmo a luta contra o imperialismo e seus laçãos, o governo de Vargas, unidos a todo povo na luta pela libertação nacional. Enfim, apoiar o Programa de luta da U. F. da R. V. P. S. C. e das resoluções do Congresso Nacional dos Funcionários Públicos.

Os comunistas devem trabalhar com energia para que a U. F. se desenvolva, ganhe de fato a confiança dos 13 mil ferroviários, conseguindo grande número de sócios a fim de lutar por suas reivindicações, esclarecê-los para que não se deixem iludir com as tiradas demagógicas e anticomunistas dos chefes da Rêde como o fascista Iberê de Matos, cujo objetivo é apoiar a U. F. B., união fantasma do governo para dividir os ferroviários e isolá-los dos comunistas, para depois neutralizá-los nas lutas por seus direitos. Já são amargas as experiências que têm os ferroviários de organizações defendidas ou controladas pelo governo, como aconteceu com o nosso sindicato tomado de assalto pelo governo. A distribuição, a compreensão de aplicação do Programa do P. C. B. nos levará à vitória, que significará, paz, conforto e felicidade para todas as famílias do Brasil.

Avante heróicos ferroviários!

ROTEIRO PARA O PROGRESSO DO BRASIL

Teobaldo Lopes Cançado

(Belo Horizonte)

O Programa do Partido Comunista do Brasil não é só um Programa dos Comunistas, mas um Programa de todos os trabalhadores e de todos os chamados honrados do Brasil.

O povo brasileiro espera dias melhores e luta para conquistá-los. É este Programa que aponta ao povo o caminho a seguir para conquistar o seu progresso, o seu bem-estar e a sua felicidade.

O P.C.B., cada vez mais forte e coeso, liderando as lutas do proletariado do Brasil, levará todas as camadas progressistas de nossa população a se libertarem da opressão ianque, e a construir um regime de paz, e de bem-estar um regime democrático-popular.

O Partido Comunista do Brasil representa tudo o que de melhor existe na classe operária, é a própria imagem da honestidade dos trabalhadores e, por isto mesmo, é o Partido que comanda o nosso povo na sua luta para se libertar do imperialismo americano e dos latifundiários.

O sentimento de honestidade e honra dos comunistas, que são os melhores filhos da classe operária, faz deles os verdadeiros líderes, os homens em quem o povo confia. Por isto, mostremos ao povo o nosso Programa, o Programa onde estão escritas todas as reivindicações populares e que aponta a única forma de tirar o Brasil do atraso em que se encontra e conduzi-lo afinal para o progresso e a fartura.

Sobre a Existência de Indústrias Básicas no Brasil

PERGUNTA — Por que motivo o imperialismo americano tem interesse em impedir a criação de indústrias básicas em nosso país, como afirma o Programa do P. C. B.?

(Eufrásio Souza Lima - Rio)

RESPOSTA — Os imperialistas americanos têm interesse em impedir a criação de indústrias básicas no Brasil porque desse modo mantêm o nosso país na condição de mercado importador dos produtos fabricados pela indústria norte-americana. A indústria de base, ou indústria pesada, é a base para a libertação econômica de qualquer país das garras do imperialismo. Sem uma indústria de máquinas e instrumentos de trabalho indispensáveis à produção industrial, a economia de qualquer país estará colocada na subordinação de outros países — os países imperialistas — dos quais terão que importar os produtos indispensáveis à própria vida da população.

Compreende-se facilmente que a existência em nosso país de uma verdadeira indústria pesada viria abalar profundamente as bases em que se apoia a dominação ianque no Brasil. Precisamente por isso os trustes e o governo dos Estados Unidos lançam mão de todos os recursos, com o apoio e a conivência do governo de Vargas, visando a privar o nosso país da existência de uma indústria de base.

Todos se recordam do que foi e tem sido a ofensiva dos trustes ianques contra a instalação da indústria petrolífera em nosso país. Esta é uma batalha que o povo brasileiro continua a travar, sem descanso, enfrentando toda sorte de manobras levadas a efeito pela Standard Oil. A última dessas manobras é a que consiste na quase paralisação da pesquisa e extração do petróleo na Bahia, enquanto as refinarias de Cubatão e Mataripe passarão a refinar óleo bruto vendido por duas subsidiárias da Standard.

Quanto à indústria siderúrgica, só após uma longa e dura luta mantido pelo nosso povo, tendo à frente os comunistas, tornou-se possível a instalação de Volta Redonda. Entretanto, não

um telegrama da U. P., procedendo de Washington, contendo a seguinte declaração do deputado ianque Robert Molohan: — É evidente que toda expansão da capacidade de Volta Redonda para produzir aço reduziria um mercado importante para a produção de nossa indústria mais vital. Não se trata de uma declaração esporádica ou ocasional, mas de uma orientação adotada com inflexibilidade pelos círculos dominantes dos Estados Unidos no que concerne aos países chamados subdesenvolvidos. Essa orientação foi perfeitamente delineada por John Abbinck, que declarou: — A indústria desses países (refere-se aos países subdesenvolvidos — Nota da Redação), se não for controlada de qualquer modo, como pelo Ponto IV, acarretaria uma redução substancial dos nossos mercados de exportação.

O governo de Vargas, como o dócil serviçal dos imperialistas americanos, submete-se inteiramente a essa orientação colonizadora. A linha seguida por Vargas nesse terreno foi traçada, com toda clareza e cinismo, pelo sr. Oswaldo Aranha que, falando no Senado, confessou ser um dos princípios fundamentais das finanças e da economia nacional, «conter prudentemente a velocidade do processo de industrialização» do Brasil.

Para que o nosso país possa contar com uma verdadeira indústria de base é indispensável romper com a política norte-americana de submissão de nossa pátria aos interesses rapaces dos monopólios ianques. E isto só será possível derrubando-se o governo de Vargas que, traído o povo e servindo a minoria de latifundiários e grandes capitalistas, acorrenta o Brasil cada dia mais na dependência dos Estados Unidos, sufoca a indústria nacional e impede que o país marche pelo amplo caminho do progresso e da independência nacional.

Só um governo democrático de libertação nacional, como prognostica o Programa do P.C.B., pode assegurar a criação e o florescimento de uma poderosa indústria de base em nossa terra.

Encontro de Amizade, De Luta e de Esperança



Na sede da Comissão Patrocinadora da Conferência: a Virginia Bastos Tigre e a jornalista Enéida (ao alto), um grupo de senhoras (em baixo)

«Estreitemos nossas mãos pela felicidade da criança, pelos direitos da mulher, a paz e o conforto»

Este apelo ecoa em toda a América Latina e faz com que a esperança de milhões de mulheres se volte para nossa pátria, sede da Conferência Latino-Americana de Mulheres

MAIS de duzentas assinaturas de brasileiras, dezenas e dezenas de assinaturas colhidas rapidamente, com entusiasmo e calor, na Argentina, no Chile, no Equador, no Paraguai, na Bolívia, nos países sofredores da América Central, de toda a América Latina, levaram as palavras ardentes do apelo de convocação da Conferência a todos os recantos. A eloquência do apelo brota da verdade que ele diz, sua força emana da consciência que ele desperta, sua vitória está na unidade que ele forja. O «Apelo às mulheres da América Latina» saltou por cima das fronteiras e venceu as distâncias com estas palavras:

«Somos a imensa população feminina do Continente americano. Com nossos braços, nossos corações, nossa inteligência, ajudamos a abrir os caminhos do futuro. Trabalhamos valorosamente nas catedras, nos laboratórios, nos lares, nas fábricas e nos campos.

Muitos dos direitos que conquistamos graças à perseverança, ao trabalho e à determinação de vencer nos são negados na realidade. E ainda temos outros a conquistar.

A imensa maioria de nossas crianças não conhece as alegrias da infância. Há milhões de crianças desamparadas e outros milhões vivem em condições precárias nos lares da pobreza.

É que as dificuldades econômicas e a insegurança pesam sobre as famílias latino-americanas. Contribuir para modificar este estado de coisas, é nosso dever. Para cumprir-lo, devemos juntas erguer nossas vozes de mulheres e de mães por uma vida em que possamos olhar o futuro cheias de confiança.

Nossos povos alimentam a esperança de viver num mundo de liberdade e fraternidade, determinando os seus próprios destinos.

Estudemos as causas do nosso atraso econômico, estudemos as possibilidades de progresso de nossos países. Assim, estaremos ca-

pacitadas para influir na eliminação do atraso e da penúria.

Representemos as aspirações das mulheres do Continente americano como fizemos as mulheres que, irmanadas no Congresso Mundial de Mulheres em Copenhague, eram duas mil e representavam uma parte da humanidade.

Daquele convívio amigo ficou-nos a certeza de que é necessário estreitar os laços que nos unem até conseguirmos elevar nossas vidas a um nível compatível com a situação que almejamos.

Mulher da América Latina! Bejas tu mãe ou mestra, enfermeira ou cientista, camponesa ou operária, seja teu trabalho singelo ou grandioso, manual ou intelectual, a ti é dirigido este apelo.

A mulher brasileira abrirá as portas de sua pátria para receber-te.

Vem, irmã do Continente e dá o teu apelo e tua colaboração à Conferência Latino-Americana de Mulheres, que se realizará no Rio de Janeiro, em agosto de 1953.

Estreitemos nossas mãos pela felicidade da criança, pelos direitos da mulher, e paz e o conforto.»



A Comissão Patrocinadora da Conferência Latino-Americana de Mulheres foi festivamente instalada. Não tardaram as manifestações de apoio, as calorosas adesões não só de organizações femininas de todos os países latino-americanos, como de eminentes personalidades dos mais diversos setores de atividade. Entre outras iniciativas, a Conferência promoverá uma exposição de trabalhos femininos, com o objetivo de demonstrar a múltipla atividade e eficiência da mulher em todos os terrenos

HÁ MUITO tempo, alguns anos mesmo, que a idéia de um encontro entre as representantes das mulheres dos países latino-americanos vem sendo acalentada. Em diversas ocasiões, nos diversos congressos internacionais que se têm realizado, mulheres de nossos países irmãos se encontraram, se conheceram e cimentaram sua amizade. Elas verificaram que os problemas levantados eram mais do que semelhantes e afins, era exatamente iguais, os mesmos.

Tão próximas geograficamente, os interesses comuns, a necessidade de enfrentar problemas idênticos; todas as circunstâncias levaram a alimentar a idéia de que seria útil e proveitosa uma reunião destinada a coordenar os esforços comuns, promover um intercâmbio regular de experiências. E quando, em 1953, as representantes de 16 países latino-americanos se encontraram em Copenhague, Capital da Dinamarca, elas discutiram a questão numa reunião aparte, num dos intervalos do memorável conclave. A delegação brasileira sentiu-se profundamente honrada quando das vozes irmãs das demais delegações veio a sugestão de que nossa pátria fosse a sede da Conferência Latino-Americana de Mulheres.

Estabeleceu-se, posteriormente, um temário simples e amplo capaz de conter todos os problemas que afetam a mulher: os direitos da mulher, a defesa da infância. Dois pontos apenas, mas que ferem de cheio problemas vitais do momento presente e do futuro de nossos povos.

Organizou-se um Comitê Patrocinador integrado principalmente pelas representantes do Brasil, Argentina, Chile e Cuba. Os comitês de apoio em cada país não tardaram em surgir. E as maiores e mais importantes organizações femininas de todos os países latino-americanos manifestaram logo o seu apoio à iniciativa. Em pouco tempo a Conferência se transformou numa idéia em marcha que empolga desde expressivas figuras da intelectualidade até às simples mulheres das comunidades índias do Equador e do Chile que, também elas, elegem delegadas.

De 27 a 31 de agosto, o Rio de Janeiro abrigará festivamente

es, que perdurará após a realização da Conferência que lhes deu origem.

Assim, numerosos são os exemplos de conferências e assembleias de bairro que dão nascimento a entidades femininas, onde na véspera existia apenas dispersão de esforços. Um grupo estruturou-se em torno da reivindicação de uma escola, outras erguem-se com a finalidade de lutar contra a carestia. Os problemas locais são o ponto de partida.

Nas Fábricas e nos Sindicatos

O apelo conjunto de numerosas mulheres líderes sindicais de todo o país traduziu enorme interesse despertado pela iniciativa entre as mulheres operárias. Nos sindicatos onde já existem departamentos femininos, como há exemplos especialmente no Rio de Janeiro, elas adquiriram vida e dinamismo. A experiência das lutas da classe operária já tinha feito sentir de há muito a necessidade de vigorosos departamentos femininos nos sindicatos. Mas a prática demonstrou que somente durante as greves esses departamentos são devidamente valorizados, dando o importante papel que representam na organização dos plowets, da solidariedade e outras questões. Mas, agora, a perspectiva que se abre é a do funcionamento permanente e regular dos departamentos femininos nos sindicatos, o que permitirá fortalecer enormemente os sindicatos atraindo para suas fileiras milhares e milhares de mulheres operárias, que lutam contra a odiosa discriminação com que se arma a exploração patronal.

Nessas condições, numerosos sindicatos que ainda não têm seu departamento feminino apelaram para o recurso da realização de assembleias de operárias, sócias e não sócias, para debater o temário da Conferência e eleger delegadas. É enorme a importância desse reforço dos sindicatos, nas atuais circunstâncias em que, de um lado, os patrões apelam cada vez mais para o expediente de empregar a mão-de-obra feminina «mais barata», e de outro, a luta pelo salário igual para trabalho igual atinge um nível mais alto. Na luta de toda a classe operária pelo pagamento do salário-mínimo sem restrições e imediatamente e pelo congelamento dos preços dos artigos de consumo popular.

Verifica-se, claramente, que a organização das mulheres, o grande mérito já adquirido pela Conferência Latino-Americana de Mulheres, impulsiona e fortalece a luta de todo o nosso povo por dias melhores.

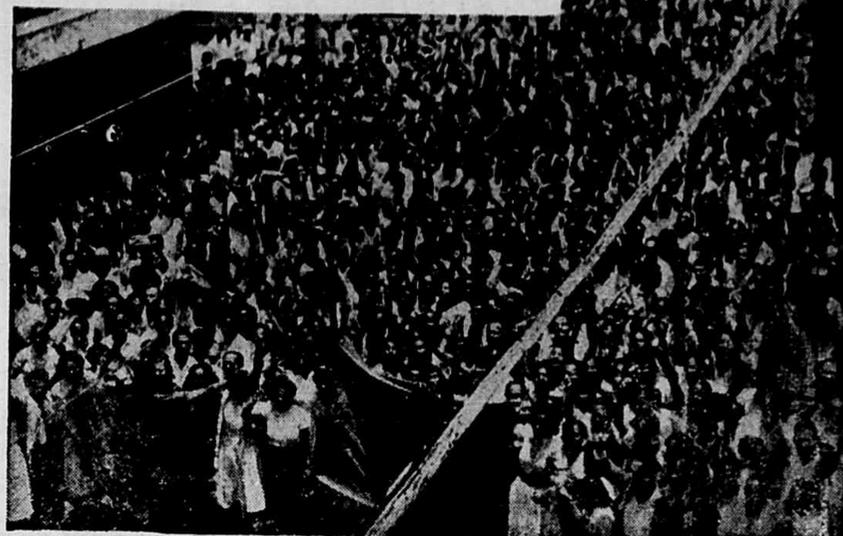
A Luta Contra a Carestia e a Conferência

Uma outra característica que predomina amplamente na intensa e crescente mobilização das mulheres e a luta contra a carestia. Uma grande porcentagem dos atos mais concorridos, dos comícios mais vibrantes, das conferências mais movimentadas se ocupou centralmente com a luta pelo congelamento dos preços.

As comissões e entidades que surgem, nessas condições, apresentam usualmente um único item programático — lutar pelo congelamento dos preços, opor um dique à carestia, resistir ao esmorecimento do nosso povo.

Os trabalhos preparatórios da Conferência têm o mérito de revelar o quanto nosso povo está disposto a lutar contra a carestia da vida. Esta é a coluna mestra da ampla organização popular, na qual as mulheres têm uma posição natural e de direito das mais importantes. O debate sobre a questão da carestia da vida é como uma vara de condão que desperta as consciências para a compreensão rápida e lúcida de uma série de outras questões. Centenas, milhares, centenas de milhares de mulheres começam a alcançar as causas da carestia, a perceber os meios de combater a carestia e os que enriquecem com a carestia.

Em todos os lugares, quando o povo se movimenta na luta por dias melhores, a mulher está presente. Esta é uma cena de um desfile realizado em Recife por ocasião da grande greve têxtil, em 1952. As mulheres estão nas primeiras filas. Também as pernambucanas virão à Conferência para debater sobre os direitos da mulher e a defesa da infância



Uma Grande Força em Marcha

Notícias que chegam diariamente, podemos dizer a toda hora, dos demais países latino-americanos, mostram que o mesmo se passa em toda parte. É uma enorme força social que desperta e se dispõe à luta, que se levanta e avança na estrada larga da unidade de ação. Compreende-se, pois, que as negras forças da reação e da exploração se sintam inquietas, entrem em pânico e se lancem à mais torpe campanha de calúnia contra a Conferência Latino-Americana de Mulheres. Julgam poder intimidar as mulheres latino-americanas.

Essa campanha vergonhosa inspirada e financiada pela embaixada americana e executada pelos seus locais está fadada ao mais redondo fracasso. A Conferência Latino-Americana de Mulheres tem mais este mérito — ela está demonstrando que não é mais possível intimidar o povo, mesmo quando se trata de uma reunião de mulheres. A reação laica e a Conferência marcha para a vitória. Nada poderá mais impedir esse encontro de amizade, de luta e de esperança.

FALAM LÍDERES FEMININAS DE VÁRIOS PAÍSES

D. BRANCA FIALHO, presidente da Comissão Patrocinadora:

— Esta é a primeira grande realização latino-americana para que a mulher tome parte ativa nos destinos de seus povos. Sabemos que os direitos da mulher e da infância são reconhecidos teoricamente em nossos países. Mas a realidade é que esses direitos não são respeitados. Pelo contrário, o comum é que sejam espezinhados. Isto acontece porque a mulher não percebeu ainda que esses direitos teóricos implicam em deveres reais, de luta pela sua observância. Na medida em que lutarmos por eles, serão respeitados. E o que visamos com a Conferência.

D. MARGARITA DE PONCE, do Comitê de Auspícios, presidente da União de Mulheres Argentinas:

— Reunir-nos-emos, mulheres de todos os países latino-americanos, para um intercâmbio de experiências e assim encontrar as soluções para os problemas que são idênticos em todos os nossos países — a defesa dos direitos da mulher, a defesa da infância, a manutenção da paz, a preservação da soberania e da independência de nossas pátrias. Estou segura de que, nesta importante Conferência, todas as mulheres de todos os setores de atividade — intelectuais, operárias, camponesas, mães de família — saberão, apesar de suas diferenças ideológicas e religiosas, encontrar a forma de se entenderem e de se unirem na luta pela felicidade e o bem-estar de seus lares em defesa da vida de seus filhos.

D. ENA GOMEZ, do Comitê de Patrocínio, do Chile:

— Esta Conferência se justifica e se torna necessária neste momento mais do que em qualquer outro, porque as condições econômicas e sociais de todos os nossos países, que não têm um desenvolvimento econômico independente, se refletem muito mais duramente em todos os lares. Os aumentos de preços dos artigos mais essenciais à alimentação, já não falo no vestuário, sobem não à razão de 50 ou 10%, mas de 30, 40 e até 60%. Contra essa situação desenvolvem-se em todos os países, em maior ou menor grau, movimentos populares. É a luta contra a carestia. Ora, as mulheres constituem mais da metade da população. Se elas não se mobilizam e não lutam, concorrem para atrasar ou frear os movimentos populares em nossos países. Por isso, a conferência não interessa apenas às mulheres, a todos interessa e de todos merece apoio.

D. ADELIA BETTINELLI, da Comissão de Auspícios, da Argentina:

— A enorme repercussão do apelo de convocação da Conferência em todos os nossos países demonstra que a mulher, como expressão de todos os nossos povos, estão unidas em luta comum, porque são comuns os interesses que defendem como mulheres, mães e cidadãs de nossas Repúblicas. O encontro fraternal das mulheres de 21 países latino-americanos surge como necessidade imperiosa e como expressão da valiosa contribuição da mulher em defesa dos direitos de nossos povos a disporem de si mesmos. Assim, a Conferência será uma alta expressão do profundo sentimento de solidariedade e fraternidade que une todos os países e povos da América Latina.

D. EDI DUARTE PEREIRA, da Comissão Patrocinadora:

— Estamos entusiasmadas com a oportunidade de reunir não só brasileiras mas também representantes das Repúblicas vizinhas. É uma rara ocasião de estudarmos nossos problemas. É cada dia maior o número de adesões, o que evidencia o fracasso da onda de calúnias contra esta generosa iniciativa. Nossa Conferência está aberta a todas as mulheres, trazem as idéias que trouxeram. O que importa é que debatam os problemas do temário — os direitos da mulher e a defesa da infância. Para isso não é preciso atestado de ideologia. Todas são mães.

É motivo de justa admiração e exemplo inspirador em todo o país a tradicional combatividade das mulheres dos ferroviários de Cruzeiro. Em todas as lutas elas participam ativamente e em diversas ocasiões sua combatividade e determinação foram decisivas para impedir que greves memoráveis fossem juradas. Graças a elas, a luta dos trabalhadores assumiu as proporções de uma luta de todas as famílias operárias. Afeitas ao combate por uma vida melhor, elas são naturalmente inclinadas à organização, conhecem por experiência própria a importância e a necessidade da organização. As mulheres latino-americanas aguardam o seu depoimento valioso na Conferência.



Por ocasião da grande greve dos 300.000 em São Paulo, foi das mais importantes e festivas a atuação da mulher operária. Especialmente nas comissões de solidariedade elas desempenharam papel decisivo. As operárias paulistas estarão na Conferência.

VOZ DOS LEITORES

GREVE VITORIOSA DOS TRABALHADORES DA PREFEITURA DE PONTE NOVA

Do nosso correspondente de Ponte Nova, Minas Gerais, recebemos a seguinte reportagem:

OS TRABALHADORES da Prefeitura vinham há tempos reivindicando o pagamento do salário mínimo de 2.000 cruzeiros, pelo congelamento de preços por 8 horas de serviço contra o desconto para o Instituto nas horas extraordinárias, pelo pagamento de mais 25% nas horas extraordinárias conforme determina a lei e pela regularização do horário de trabalho dos operários do matadouro e dos lixeiros.

O movimento teve início dia 19 de julho último às 5,30 horas da manhã, com os trabalhadores reunidos na praça Getúlio Vargas, em frente da Matriz. A hora de pegar o serviço, 6 horas, os operários se mantiveram parados. O engenheiro da Prefeitura, sr. Ordalino, provando ser um inimigo dos trabalhadores quis obrigá-los a volta ao serviço a custo de gritos e ameaças. Ameaçou dispensar todos os que se negaram a furar a greve, oferecendo garantias a todos os que quisessem trabalhar. Um dos trabalhadores Adão Vidal, só porque teve a coragem de mostrar ao engenheiro a razão da greve, foi dispensado do serviço. O engenheiro Ordalino achava que era absurdo um operário de pé no chão e maromba na mão ousar recusá-lo, disse que os operários eram uma corja de vagabundos. Mas os trabalhadores não se intimidaram com as ameaças e nenhum dos grevistas voltou ao serviço. Só ficaram trabalhando aqueles que não aderiram à greve logo de início.

Pelas 8 horas da manhã já haviam sido organizados os piquetes e a comissão de solidariedade estando todos os grevistas com firme disposição de lutar. As 8,30 chegou o sr. Carlos Jardim pre-

sidente do Sindicato dos Bancários e o tesoureiro desta entidade, sr. Vanios Miranda. Vinham trazer a solidariedade dos bancários à greve, tendo o sr. Jardim usado da palavra para reconhecer a justiça do movimento e das reivindicações. Ao mesmo tempo o doou, em nome do Sindicato dos bancários, a importância de 500 cruzeiros para o Fundo de Greve. Manifestaram também apoio imediato à Associação dos Trabalhadores do Comércio, do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, Associação dos Trabalhadores da Construção Civil no qual são inscritos, em sua maioria, os operários da Prefeitura. O presidente desta Associação, sr. Aires Bento Pereira, discursando na ocasião mostrou que os trabalhadores não deviam aceitar a dispensa do seu companheiro e foi vivamente aplaudido quando disse que a readmissão deste operário era uma condição para a volta ao serviço. O piquete foi a algumas concentrações de trabalhadores pedir solidariedade; mas por falta de preparação embora estivessem solidários com os grevistas, eles não aderiram ao movimento. Notava-se grande simpatia por parte de toda a população, com raras exceções de certos indivíduos reacionários que vivem à custa do suor alheio.

A greve, graças à firmeza dos trabalhadores foi vitoriosa na maior parte das reivindicações. As 11 horas o prefeito atendeu aos grevistas e dos entendimentos havidos foi aprovado o seguinte acordo: aumento de 400 cruzeiros nos salários vigentes que eram de 900 cruzeiros; readmissão do operário dispensado por exigência dos grevistas; o prefeito se comprometeu publicamente a não perseguir nenhum grevista e prometeu, também, tomar medidas contra a alta do custo da vida. Foi uma vitória parcial e os grevistas ficaram de folga o resto do dia.

Vencida esta primeira etapa, os trabalhadores obtiveram uma boa experiência de luta pelas suas reivindicações e prosseguirão doravante com mais firmeza e entusiasmo, agindo unidos para a conquista de melhores condições de vida e de trabalho.

O VETO DE GETULIO AO PROJETO QUE FAVORECIA AOS DIARISTAS DE OBRAS

ESCREVE nosso correspondente de Belém: — O sr. Getúlio Vargas, inimigo número um dos trabalhadores vetou o projeto de lei do deputado Fernando Ferrari que visava à reparação de injustiças praticadas contra os diaristas de obras ainda hoje sob a tutela da lei ditatorial n.º 240 de 1938. O veto presidencial ao projeto foi mais uma traição aos modestos trabalhadores que muitos deles até aqui iludidos ainda com o promessero do Catete. Dizem que o diabo tem muitas máscaras. Se isto é verdade uma delas está sendo usada pelo famigerado «Pai dos Trabalhadores». Eis de que consta a «justiça e bondade» do ex-ditador. Ainda desconhecemos



Grupo de grevistas da Prefeitura de Ponte Nova formado logo após a deflagração do movimento

a razão do veto. Não será sob a alegação da falta de recursos porque o pronunciamento favorável do Ministro da Fazenda serviu de base para que o projeto fosse aprovado nas duas Casas do Legislativo. Naturalmente, para continuar a sua propaganda de benemerência, talvez tenha o maquiavélico presidente alegado nas razões do veto que os diaristas de obras vão ser amparados na reestruturação dos servidores públicos. O que ele disser não podemos aceitar. Dizem que Getúlio, quando «soube» que os diaristas de obras não foram amparados pela lei 1.765 de 18-12-52, ficou «aborrecido» e mastigou o charuto. Entretanto, agora, vetando o projeto Ferrari, deixou cair mais uma vez a sua máscara de «pai dos pobres», deixando aparecer a verdadeira face do inimigo do povo.

Por que razão os diaristas foram excluídos do abono de emergência instituído pela lei 1.765? Não serão eles servidores públicos também? Não são pagos pelos cofres da União? Os diaristas são humanos, são de carne e osso, precisam alimentar-se, vestir-se, têm mulher e filhos e não obtiveram o salário familiar nem o abono de emergência. Aí está o que é Getúlio: atrai os modestos funcionários na mais terrível penúria, enquanto premia os apaniguados com seu favoritismo. Getúlio jamais foi amigo dos trabalhadores; nem amigo da onça ele é. É a própria onça...

O veto de Getúlio foi uma clamorosa injustiça. Precisamos protestar e nos dirigirmos ao Senado a fim de apelar para que esse maldito veto seja rejeitado.

O GOVERNO DE GETULIO ARRUINA OS CAMPONESES DE IGUAPE

Do nosso correspondente Inod Gomes, recebemos a seguinte colaboração: **IGUAPE** é uma das mais velhas cidades do Estado de São Paulo. Desde tempos remotos, a colonização da região se deu pela forma de loteamento. Mas o loteamento foi feito mediante a medição somente das margens dos rios, sem o levantamento das águas e dos espigões. Mais tarde criaram-se empresas de transporte fluvial e os camponeses pobres, pioneiros da região, embrenharam-se nas matas sonhando com um futuro melhor. Houve tempos em que a produção de arroz, principal cultura da região, trouxe prosperidade para muitos camponeses e posseiros. Foi quando o café obteve enor-

me surto noutras regiões do Estado.

Mas, para desgraça de todos, o bando de Getúlio com o golpe de 1930, levou à bancarrota os pequenos produtores dando margem ao fortalecimento dos grileiros. O sistema de transporte foi desmantelado. Trata-se hoje de apenas três barcos velhos que não têm horário nem dia certo de viagem, cuja tripulação, pessimamente paga, vive também na miséria. A Capitania dos Portos muito contribuiu para esta situação. As subvenções, às empresas de navegação foram, por outro lado, suprimidas pelo governo.

Outra façanha de Getúlio com seu golpe de 30 foi paralisar a construção da ferrovia do Estado que, partindo de Bitú, devia ir até Cananéia passando por Iguape. Com a paralisação dos trabalhos, foi posta a perder enorme fortuna em serviço já concluído ou em fase de conclusão e o progresso de toda a região recebeu um golpe mortal.

A brecha deixada pelos antigos colonizadores no loteamento da região é agora aproveitada pelos grileiros. Por exemplo, um Dr. Borba, que, segundo se diz é cunhado do governador do Estado, sr. Lucas Nogueira Garcez, é hoje um dos grandes proprietários da região. Comprou algumas posses e, como a delimitação é apenas nas margens dos rios, é hoje possuidor de 1.300 algas (Nota da redação: não conseguimos descobrir o significado desta palavra como unidade de medida conforme parece ser o caso); em consequência, inúmeros camponeses ficaram «espremidos» entre o rio e o latifúndio do protegido do sr. Lucas Garcez, onde, por sinal, estão localizadas as melhores terras, no sopé da Serra de Itaquim.

O Banco de Descontos e o Dr. Varela, são outros tantos grileiros que empregam o mesmo processo acima descrito. Compram algumas posses para se apoderarem das terras boas, empurrando os posseiros aos charcos e margens dos rios.

Mas não é só. Formou-se um verdadeiro monopólio produtor de bananas que dispõe de transporte próprio e, por isso paga preço irrisório às bananas dos pequenos produtores. Algumas casas comerciais que possuem caminhões não fazem frete para forçar os camponeses a lhes venderem o produto por uma minhalia.

O resultado disso é o empobrecimento rápido das populações camponesas da zona de Iguape. Sua alimentação se reduziu ao peixe, arroz, farinha de mandioca. Impera na região a anemia, a malária, a opilação, a tuberculose.

Por que está o povo do li-

GOVERNO DE VARGAS GOVERNO DE NEGOCISTAS

O NOSSO correspondente Manoel de Souza, do Distrito Federal, nos envia um artigo em que, inicialmente, diz que os chamados três poderes do país são, na realidade, um só; Legislativo e Judiciário, submetem-se ao Executivo exercido pelo agente americano Vargas e seus ministros.

Escreve em seguida: «Vamos apontar alguns flagrantes deste organismo estatal apodrecido. É o caso em que o Tribunal Federal de Recursos resolveu reconhecer ao sr. Euvaldo Lodi, tubarão, presidente do SESI e deputado, o direito de não prestar contas das despesas que realizou com o dinheiro do organismo que preside. E depois: «O general Canrobert, quando ministro da Guerra meteu-se em excusos e suspeitos negócios de compra de trigo (veja-se, um ministro da guerra comprando trigo...) de firmas norte-americanas». Houve, da parte do então ministro, responsabilidade pelas trapuças: seu nome apareceu no Inquérito do Banco do Brasil, publicado em letra de forma no «Diário Oficial» e no «Diário de Notícias». Mas o governo do sr. Vargas não tomou providências e o general Canrobert continua importante e ocupa cargos elevados no Ministério. Todos se lembram ainda do escândalo do Banco Industrial Brasileiro do senador Georgino Avelino. Este senador contratou com o IAPI, segundo provou a própria imprensa «sadia», a venda do prédio em construção na esquina da Av. Rio Branco com a Av. Presidente Vargas, por 400 milhões de cruzeiros. Ora, a construção valia muito menos que isso. Quem saiu perdendo foi o IAPI, isto é os operários contribuintes, que ficam sem assistência enquanto o governo e seus apaniguados empregam os fundos da autarquia em grossas negociações».

Quando estas coisas têm vindo a público, manda o governo abrir solenes e «rigorosos» inquéritos, para enganar. Mas no caminho aparecem os amigos, os amigos dos amigos, tudo gente «agorvernada» ou do governo. Não há bandalheira em que não esteja envolvido o governo ou seus protegidos. Chega-se, neste mar de desonestidade e grossos furtos, a ver o governo feito macaco em casa de louça, evitando punir qualquer dos seus amigos e parceiros, evitando condenar qualquer uma das suas próprias malandragens com medo de derramar o caldo e de virem à tona maiores furtos.»

toral paulista atirado a esse abandono? É claro que tudo isso é consequência da política de traição executada por Vargas e sua camarilha de latifundiários e grandes capitalistas. Getúlio servicial dos imperialistas norte-americanos e dos piores inimigos internos de nosso povo tem na massa do sangue o germe da traição ao povo brasileiro.

A massa camponesa de Iguape já tomou conhecimento do Programa do Partido Comunista do Brasil. Mesmo o pequeno contato que os camponeses tiveram com elementos de vanguarda e os debates ainda insuficientes, em torno do Programa, já foi suficiente para que eles compreendessem a necessidade de lutar pela emancipação de nossa pátria e a derrubada do bando de Vargas-Garcez e companhia que tanto os oprime.

Numa reunião de 25 camponeses realizada para debater o programa um deles disse: «Estamos completamente abandonados à nossa própria sorte. Não podemos produzir porque a nossa produção apodrece por falta de transporte. Dizem e é verdade que a terra é boa, mas só isso não basta. Sabemos que a cebola em São Paulo está a 10 cruzeiros o quilo, o alho a 80, a batata a 8 e 10, o arroz a 15 e 18. Tudo isso é produzido aqui em abundância. Mas como plantar se depois não temos meio de transporte?»

De toda esta situação, uma coisa ficou clara para aqueles camponeses: que as coisas não caem do céu. É preciso lutar para conquistá-las. No caso deles, eles próprios reconheceram a necessidade de se organizarem a exemplo do que estão fazendo os homens do campo no Estado de São Paulo e em todo o país, em Associações, Sindicatos Rurais, etc., a fim de conquistarem melhores condições de vida, garantirem a posse da terra, e tantas outras reivindicações.

CONSEGUIU 10 NOVOS LEITORES DA VOZ OPERÁRIA

ESCREVE-NOS de São Paulo um leitor da VOZ tecelão, para comunicar que já conseguiu 10 novos leitores da VOZ OPERÁRIA. Um deles manifestou grande entusiasmo pelo fato de que este jornal só trata de assuntos do interesse da classe operária e publica as cartas em que os operários e os camponeses denunciavam os crimes cometidos pelos patrões. Por

isso esse novo leitor resolveu ficar com uma cota de 30 exemplares semanalmente para vender, prontificando-se a estabelecer uma banca para divulgar este jornal.

O nosso leitor observa que o jornal não está sendo bem dobrado e bem cortado e que seria melhor a utilização de tipos mais graduados para facilitar a leitura.

NOTA DA REDAÇÃO: Agradecemos a sugestão e o interesse demonstrado por este novo leitor; Solicitamos que continue escrevendo, principalmente sobre a fábrica em que trabalha, sobre os salários, as condições de trabalho, as reivindicações etc.

POSTA RESTANTE

DISTRITO FEDERAL — Carta de W. Fontes que, para os devidos fins, encaminhamos ao Escritório Central Eleitoral dos Candidatos Populares; **PELOTAS** — Reportagens sobre o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pelotas e sobre os pescadores do Arroio Sujo; **SANTA ANA DO PARAOPEBA** — Carta de M.M.; **SÃO PAULO** — Recebemos de Carlos Lopéz dois desenhos acompanhados de uma carta, pelo que agradecemos. Aguardo resposta; **ARARAQUARA** — Carta de nosso correspondente sobre a Cia. Paulista de Força e Luz e a Câmara Municipal; **SÃO JERÔNIMO** — Carta sobre acidente nas Minas de Butiá e outra sobre nova forma de exploração do CADEM; **BAGÉ** — Carta sobre a falta de Luz; **SÃO LEOPOLDO** — Carta sobre roubo no peso do pão; **RIO CLARO** — Reportagem sobre a tecelagem de Matarazzo; **RANCHARIA** — Reportagem sobre a Serraria Sta. Elisa; **OSÓRIO (R.G.S.)** — Reportagem sobre transportes; **ASSIS** — Carta sobre perseguição política na E.F. Sorocabana; cópia de abaixo-assinado de protesto contra o artigo 32 contendo 87 assinaturas, dirigido à Câmara Federal; **ARAGUARI** — Exemplar de um Programa de Frente Única dos Candidatos Populares às eleições de outubro; **VAU NOVO** — Carta sobre Matarazzo e outras notícias; **NITERÓI** — Recebemos artigo de Azevedo Bolim intitulado «É preciso divulgar nossos noetas da vanguarda».

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
Aydano do Couto Ferraz
MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.º and. sala 1712
SUCURSAS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.
P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527 sala 48.
Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205. Ed. Saet
Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.
Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Enderec. telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPERIA
ASSINATURAS

Anual	Cr\$ 60,00
Semestral	30,00
Trimestral	15,00
N. avulso	1,00
N. atrasado	1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

Por aumento de salário, pelo congelamento dos preços

SOB A BANDEIRA DA UNIDADE, AVANÇA EM TODO O PAÍS A LUTA DO PROLETARIADO

«São Paulo vai parar a 2 de setembro», grandioso movimento que ecoa em todo o Brasil

A UNIDADE DE AÇÃO está fazendo a sua grande prova como arma eficiente e insubstituível dos trabalhadores, em todo o país, na luta que travam pelo pagamento sem restrições e imediato do salário-mínimo, por aumento geral de salários e pelo congelamento dos preços dos artigos de consumo obrigatório.

Novos e importantes passos já deu e continua a dar a unidade operária, avançando a partir dos êxitos conquistados na campanha que culminou com a decretação do salário-mínimo a 1.º de Maio e a derrota de Vargas e dos patrões com sua manobra contra o salário-mínimo no Judiciário. Em todo o país, a unidade de ação, na luta e para a luta, assinala vitórias e registra progressos no terreno da organização. A unidade de ação desemboca naturalmente na unidade orgânica. Um vivo exemplo é o da greve do Rio Grande do Sul sob o comando da Comissão Intersindical que congrega 132 sindicatos.

Vitória na Leopoldina, Vitória no Porto de Santos

Sempre que o patrão é o próprio governo de Getúlio Vargas, tudo é feito para privar os trabalhadores de seus direitos. Sobre dinheiro para negociatas e financiamentos escandalosos, para a compra de carregamentos cada vez maiores de material de guerra. Mas quando se trata do salário dos trabalhadores é alegada a «falta de verba».

Os ferroviários da Leopoldina e os portuários de Santos deram um exemplo a todos os operários explorados pelo Estado de como se resolve esta situação. A greve de Santos deu como resultado um compromisso assinado pelos ministros Hugo de Faria e José Américo, autorizando o pagamento dos atrasados até o dia 20. A C.D.S. teve que pagar os dias de greve. E se o pagamento não for feito no dia 20, já está decidido que o pórtio parará novamente no dia 21.

Na Leopoldina, o governo negava-se pura e simplesmente a pagar o salário-mínimo. Os 14.000 ferroviários, unidos como um só homem sob a bandeira do Sindicato, marcaram um prazo para que a «verba» aparecesse. No dia marcado, reuniram-



José da Rocha Mendes, líder gráfico. Seu sindicato é a sede do C. G. da grande greve em preparo

se em assembléia «para comemorar a vitória ou para a decretação da greve». Resultado: por intermédio do ministro dos ágios, Oswaldo Aranha, Vargas foi forçado pela unidade operária a liberar a verba necessária ao pagamento do salário-mínimo. Ficou, pois, provado que esse governo só faz alguma coisa quando é empurrado pelo povo.

O Grande Movimento de São Paulo



Antonio Chamorro, líder têxtil, conclamou o povo nos comícios de bairro à organização das comissões pelo congelamento.

Mas o movimento adquire maior envergadura e finge maior profundidade é no grande centro proletário de São Paulo, para onde se voltam no momento as atenções e a confiança dos trabalhadores brasileiros. A experiência de combate e unidade do proletariado paulista inspira e entusiasma os trabalhadores em todo o país.

O Pacto de Unidade congrega hoje mais de 80 sindicatos da capital e do interior, inclusive vários sindicatos rurais. As grandes assembléias dos maiores sindicatos paulistas, realizadas simultaneamente, deliberaram a greve geral para o próximo dia dois de setembro. As reivindicações que unem os trabalhadores são as seguintes:

- 1 — Pagamento sem restrições do salário-mínimo.
- 2 — Aumento geral de salários de Cr\$ 1.110,00 para os que não foram atingidos pelo salário-mínimo ou só tiveram um pequeno aumento. É exigido o aumento de 1.110,00 porque essa é a diferença entre o antigo e o novo salário-mínimo.
- 3 — Congelamento dos preços.

Segundo dados incompletos, pois diariamente surgem novas adesões, já estão com a greve geral do dia dois de setembro 325.000 operários:

Sindicato dos Têxteis (capital)	100.000	trabalhadores
Sindicato dos Metalúrgicos	104.000	

Sindicato dos Marceneiros	30.000	"
Sindicato dos Gráficos	30.000	"
Sindicato dos Trabalhadores do Frio	11.000	"
Sindicato dos Trab. em Hotéis	35.000	"
Sindicato dos Têxteis (S. Caetano)	15.000	"
Ass. dos Trabs. da Usina do Cubatão	500	"
Total	325.500	trabalhadores

Não estão contados aí os trabalhadores da Sorocabana e de diversos municípios do interior cujos dirigentes somente aguardam a realização das respectivas assembléias para declarar oficialmente a adesão ao grandioso movimento. Tudo indica que a greve do dia dois de setembro ultrapassará de muito a memorável greve dos 300.000, marco histórico na luta do proletariado brasileiro.

É Lutando Que se Marcha Para o Combate

Os preparativos para a grandiosa demonstração começam nas empresas. Números exemplos mostram como a classe operária mobiliza suas forças, ajusta suas fileiras, exercita-se para o grande embate e faz de cada fábrica uma cidadela. Pois é na fábrica que o patrão sonda o estado de espírito dos trabalhadores e procura achar uma brecha para dividi-los. Pois bem: é na fábrica que nada deve ficar sem uma resposta imediata e contundente. Exemplos:

— **Fundações Brasil:** Os patrões começaram a fazer suspensões de operários. Seu objetivo era avançar mais e despedir os operários mais combativos, para desarticular o movimento. A resposta foi a greve, declarada quando os patrões chamaram a polícia. O patrão cedeu e comprometeu-se ainda a pagar o domingo remunerado, coisa que não vinha fazendo.

— **Fiação e Tecelagem Pirajininga:** Para não pagar o salário-mínimo o patrão mudou o nome dos artigos e quis pagar menos. Além disso, estabeleceu uma tabela própria, menor que o salário-mínimo, prometendo pagar a diferença como «prêmios» de produção. Os operários aceitaram o desafio e empregaram sua arma provada — a greve. O patrão teve que voltar atrás, derrotado.

— **Cia. Paulista de Aniam:** A companhia recusa-se a pagar o salário-mínimo. Os trabalhadores respondem

com a greve de braços cruzados, a greve branca. Ficam junto das máquinas, mas não trabalham. O movimento começou, como advertência, na seção de fiação. Se os patrões não cederem, a greve se estenderá forçosamente às demais seções, mesmo porque faltarão rolos e espulas.

— **Não se faz extraordinário** — Em diversas empresas gráficas, os trabalhadores recusam-se a fazer trabalho extraordinário, o que agora é exigido pelos patrões em virtude das encomendas eleitorais. «Por que não vão se entender com a Federação das Indústrias? E' ela quem recusa a aceitar a tabela do Pacto de Unidade.» — respondem os operários às alegações patronais.



Elisa Branco, querida líder feminina, que se empenha na grande luta contra a carestia, pelo congelamento dos preços.

Comícios e Comandos de Esclarecimento

O quartel-general instalado no Sindicato dos Gráficos é uma colmeia. As diversas comissões organizadas estão em plena atividade. Os «comandos de esclarecimento» percorrem as fábricas e são recebidos entusiasmadamente pelos trabalhadores. Esses comandos impulsionam a organização nas fábricas e abrem aos operários de cada empresa a perspectiva do movimento geral, descortinam a visão da amplitude

de da greve, o que incute aos trabalhadores audácia e confiança nas suas próprias forças.

Os dirigentes e líderes sindicais mais destacados participam desses comandos, estabelecendo uma ligação viva entre as fábricas e a direção geral.

Mas a luta da classe operária não é fechada em si mesma, não é isolada ou mesmo paralela à luta de todo o povo. Pelo contrário, a unidade operária se projeta na unidade de todo o povo, a luta do proletariado impulsiona e organiza as lutas populares. Assim é o exemplo que dão os preparativos da greve geral de dois de setembro próximo. Uma parte importante do trabalho que se realiza está nos comícios de bairro, promovidos pelos sindicatos do Pacto de Unidade. O seu grande objetivo, além de popularizar ao máximo a grande idéia da luta, é o de impulsionar a organização das comissões de bairro pelo congelamento dos preços. Assim, no comício do Largo Ubirajara, falaram ao lado de líderes sindicais



José de Araújo Plácido, líder metalúrgico, participa dos comandos de esclarecimento.

como Antônio Chamorro, Nelson Rustici, Freitas Nobre e outros, a grande dirigente feminina Elisa Branco, a representante da organização feminina da Quarta Parada, Trindade Santos e a representante do bairro, Inês Augusto.

Organização na empresa, fortalecimento dos sindicatos, Pacto de Unidade dão

corpo à unidade operária. Organizações populares e femininas pelo congelamento nos bairros. O proletariado e o povo de São Paulo serão mais organizados e coesos da grandiosa manifestação de massas que será a greve de dois de setembro. É assim que avança a luta de nosso povo para a conquista de uma vida melhor.

ENCONTRO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE RURAL

A INICIATIVA da realização de um Encontro Internacional da Juventude Rural, em apoio ao apelo dos jovens camponeses de Ravenna, Itália, encontrou calorosa acolhida nos países da América Latina, onde vão intensos preparativos para o Festival da Juventude Sul-Americana, a realizar-se brevemente em Santiago do Chile.

Na Argentina, a Comissão Nacional de defesa dos direitos da juventude colocou-se à frente dos preparativos e realiza um amplo trabalho de divulgação do encontro entre os jovens trabalhadores da terra. Realizam-se encontros entre jovens trabalhadores da cidade e do campo, com a ajuda de clubes esportivos, conjuntos folclóricos e artistas populares que levam para o campo a cultura e as diversões das cidades. Ao mesmo tempo realizam-se palestras e discussões.

No Chile, os jovens filiados à Central Única, que deu apoio oficial ao Encontro, organizaram um vasto programa esportivo e artístico, que compreende partidas de futebol entre equipes de trabalhadores das cidades e dos campos, festas e representações. O mesmo entusiasmo se verifica no Uruguai, no Equador e demais países latino-americanos. Na Bolívia já foi realizado o I Festival da Juventude Boliviana, no qual os jovens camponeses estiveram presentes.

No Brasil, os preparativos para a participação da juventude rural no Encontro Internacional encontram as condições e perspectivas mais favoráveis. Além dos preparativos já em curso para o Festival de Santiago, a iniciativa de convocação da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas permite a mais ampla e profunda mobilização dos jovens trabalhadores do campo.

As caravanas operárias enviadas pelas comissões intersindicais ao campo levarão consigo delegações de jovens operários que entrarão em contacto com seus irmãos camponeses. Dos contactos já estabelecidos em diversos pontos do país já resultaram iniciativas como a realização de competições esportivas, espetáculos artísticos que, ao mesmo tempo, recolherão peças do folclore nacional e revelarão os valores artísticos que as duras condições de vida no campo não permitiram florescer e desenvolver-se.

Estão sendo organizados trabalhos sobre as condições de vida e as reivindicações dos jovens trabalhadores agrícolas. Várias delegações percorrem o interior dos Estados levando aos campos a notícia da realização do Encontro e ajudando a realizar conferências e reuniões nas quais os jovens camponeses descrevem sua vida e suas aspirações. Assim se descortina para eles todo um mundo novo que podem conquistar com sua união e sua luta. A centelha da esperança numa vida melhor acende os corações de milhares de jovens camponeses.

«Encontrar-nos-emos e discutiremos juntos os nossos problemas». Com este lema avançam os preparativos do Encontro em todo o mundo. A perspectiva de tão valiosa troca de experiências desperta o entusiasmo mais ardente em toda parte. E' com alegria que os jovens camponeses vão ao encontro desta oportunidade de constituir suas próprias organizações e associações, seus grupos culturais e esportivos com a ajuda de seus irmãos operários das cidades, que têm maiores possibilidades para desenvolver seus conhecimentos.

Dessa forma, a delegação brasileira ao Encontro Internacional da Juventude Rural levará uma apreciável contribuição à elaboração da Carta de Reivindicações da Juventude Rural do Mundo. Este é um dos altos e grandiosos objetivos do Encontro que dará aos jovens um instrumento de ação, um roteiro para suas lutas, um campo comum de união de forças, que ajudará decisivamente a despertar e organizar a juventude rural, hoje condenada à dispersão e ao atraso pela escravidão do latifúndio.

VARGAS TRANSPORTA UMA MONTANHA DE MANGANÊS PARA OS ESTADOS UNIDOS

RARAMENTE a natureza oferece os seus tesouros ao alcance da mão do homem como fez no famoso Morro da Mina, em Lafaete, Minas Gerais. É toda uma montanha de manganês. Esta é uma riqueza fabulosa — sem manganês não se pode fabricar aço de boa qualidade e ainda não foi encontrado um substituto para ele: o manganês é empregado na indústria de material elétrico, na fabricação de vidros e na indústria química.

Mas a montanha de manganês de Lafaete está sendo transportada para os Estados Unidos. Calculam os técnicos que em menos de dez anos essa mudança estará terminada. Para o povo brasileiro ficará apenas o buraco, a menos que se ponha um fim ao saque. Pois o manganês está sendo exportado para os Estados Unidos a Cr\$ 400,00 a tonelada. É verdade que no Brasil só se consegue o manganês por mais de Cr\$ 2.000,00 e que o preço no mercado internacional val até Cr\$ 5.000,00.

Isto acontece porque o Morro da Mina foi entregue à Cia. Meridional Sociedade Anônima da qual 97% das ações pertencem à United States Steel Corporation. Os demais acionistas são a Illinois Steel Corporation, a Tennessee Coal Iron, a Railroad Corporation, todas subsidiárias do truste. Apenas três brasileiros, embora apenas de nome, figuram entre os acionistas. A Meridional vende o manganês a United States Steel a preço de custo e o transporte é feito pela Central do Brasil com frete fictício...

O Governo dos Trustes Ianques no Brasil

O Morro da Mina foi comprado em 1920. Os ianques ofereceram quatro milhões de dólares, 18 mil contos ao cambio da época. Os proprietários queriam 20.000,00. Quando se discutia, caiu o valor do mil reis e o dólar passou a valer mais. Os "esperetos" donos da mina receberam os 20 mil contos exigidos, pois a tanto se elevou o

valor dos quatro milhões de dólares...

E começou o saque. Hoje, ergue-se o clamor patriótico contra a exportação do manganês de Lafaete. Clama a indústria mineira contra o esgotamento da jazida, a que lhe compromete o futuro. Protestos se levantam em toda parte, pois o manganês de Lafaete é vital para Volta Redonda. O deputado Dilermando Cruz apresentou dois projetos de lei no mesmo sentido. Os trabalhadores do Morro da Mina, cruelmente explorados, manifestam-se vigorosamente contra a exportação do minério.

Que faz o governo? Os lacaios do truste no Poder, Getúlio e Juscelino tomam medidas. Elas:

1 — **Getúlio acelera a exportação.** Vargas aprovou o plano da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, que destina 110 vagões exclusivamente para o transporte do manganês de Lafaete para o país de minérios de Ararat. Dessa forma a exportação anual se elevará de 150.000 toneladas para 400.000, quase o triplo.

2 — **Juscelino não cobra imposto.** A ganância do governo de Juscelino já provocou grandes movimentos populares de protestos contra os impostos escorchantes. Repartições do governo foram quebradas em Uberlândia.

Impostos Pagos Por Tonelada

	Banha	Manganês
Vendas e consignações (1,4% sobre Cr\$ 18.400,00)	257,60	
Serv. de Recup. econômica (4,20%)	772,80	
Taxa de assist. hosp. (5% s/1.030,40)	1.030,40	
Imposto de minérios 3% s/100,00	51,50	
	1.081,90	3,00

Enquanto mil quilos de banha pagam Cr\$ 1.081,90 de imposto, mil quilos de minério de manganês pagam Cr\$ 3,00, pouco mais de nada. Essa mesma tonelada de banha para o frete na entrada do Brasil, de B. Horizonte ao Rio, 498,00 enquanto o minério paga 47,00, dez vezes menos. O minério tem prioridade no

A ponte destinada ao carregamento de manganês.



Vagões repletos do importante minério, destinado aos agressores americanos

Uberaba, etc. Mas na "Lista de Valores de mercadorias e produtos, para efeito de cobrança de impostos e taxas estaduais" (Lei 760, de 25-10-51) a tonelada de manganês é cotada em cem cruzeiros, pagando um imposto de 3%. Outras mercadorias — tecidos, gêneros alimentícios, etc. — pagam 1,4% de vendas e consignações, 4,20% como taxa dos serviços de recuperação econômica e mais 5% de taxa de assistência hospitalar.

transporte. Por isso, acontece, por exemplo, que não se planta mais em Ibité, município de Betim, pois não há transporte. Os lavradores tiveram que transformar-se em mineiros. Tudo para a United States Steel, eis o programa de Vargas e Juscelino.

Brutal Exploração aos Mineiros

O truste submete 600 mineiros, que exploram desumanamente, às mais brutais condições de trabalho. Os mineiros são pagos por tarefa. Assim, à medida que a carestia da vida desvaloriza os salários, os mineiros são forçados a extrair mais e mais minério para "compensar" a queda do salário real.

Trabalham ternos, grupos de tres homens. Ganham uma parte fixa, a chapa, isto é, 9,60 mediante a obrigação de extrair e transportar 21 vagonetas de minério. Cada vagoneta pesa 700 kgs., e chela pesa 1.500 kgs. O percurso do local de extração ao "bicamente" é 438 metros, portanto, o terno anda mais de 18 kms. para perceber 9,60. Depois dessas 21 vagonetas, o mineiro começa a ganhar por "produção" — dois cruzeiros por vagoneta de minério extraído e transportado. Para que o terno ganhe 60,00 ou seja 20,00 por homem, é preciso transportar 30 vagonetas de minério, o que significa andar 26,280 metros. No fim do dia, são 44 kms. 676 metros, empurrando uma carga de 700 kgs. num sentido, de 1.500 kgs. no outro sentido, além do trabalho de extrair e carregar o minério na vagoneta para ganhar Cr\$ 23,20!

Com a jornada de trabalho de 8 horas, temos a média horária de mais de 5.500 metros. A marcha de um cavalo sem carga cobre seis kms. numa hora. Um soldado de infantaria, equipado, em marcha, faz 4 kms. por hora. Mas, um mineiro de Lafaete tem que fazer 5,5 kms. por hora com uma carga de 1.500 kgs. É de admirar que o IAPETC tenha



Pesadas camionetes são transportadas ao pulso pelas trabalhadoras.

Os Candidatos dos Mineiros

Mas os mineiros compreendem que não basta isso. Eles já começam a perceber que os donos da mina são os donos do governo. Por isso lançam-se à luta política, discutem o Programa do PCB e num comício feito na própria mina lançaram os seus candidatos às próximas eleições.

Escolheram José Batista Fernandes, presidente do Sindicato, José Severiano, secretário do Sindicato e delegado de Minas Gerais ao recente III Congresso Sindical Mundial para vereadores à Câmara de Lafaete, e Orlando Bonfim Jr., valoroso combatente de vanguarda, conhecido e querido dos mineiros, para deputado estadual.

Estes são os candidatos dos operários. Para elegê-los se unirão aos mineiros de Lafaete todos os patriotas que se batem pela proibição da exportação do manganês de Minas Gerais, todos os que defendem o futuro da siderurgia mineira, o futuro de Volta Redonda. Em torno dos candidatos populares formam lado a lado com os mineiros, os camponeses e lavradores compelidos pelo truste a abandonar o trabalho da terra, os comerciantes e industriais, todos os patriotas, homem e mulheres, que odeiam o domínio dos monopólios ianques e seus lacaios, os negociantes e vendilhões do governo de Vargas.

encontrado 52 tuberculosos entre eles?

Os Mineiros Lutam e se Unem

Guiados pelos seus companheiros e esclarecidos, os mineiros lutam. Nas eleições sindicais de 1953 os mineiros derrotaram fragorosamente a chapa ministerialista que só teve 26 votos. Em fevereiro já estavam em greve. As reivindicações conquistadas nessa luta — 30% de aumento e abono família — superam em cerca de tres vezes o salário que ganhavam normalmente.

União e luta eis, portanto, o caminho certo. Hoje a luta se trava pelo pagamento do salário-mínimo e pelo congelamento dos preços.

Vida Dos Partidos Comunistas

CONFERÊNCIA NACIONAL DO PARTIDO VIET-NAMITA DOS TRABALHADORES

O acôrdo de armistício na Indo-China a que se chegou na Conferência de Genebra é um êxito imenso dos povos da Indo-China, das forças da paz e da democracia no mundo inteiro — tal foi a conclusão dos debates da Conferência Nacional do

Partido Viet-Namita dos Trabalhadores, reunida de 20 a 25 de julho. Nessa Conferência foram analisadas a nova situação e as novas tarefas, bem como as resoluções do VI Pleno ampliado do C.C. do Partido.

Analisando a situação interna e internacional, o presidente Ho Chi Min lançou para o Partido e para todo o povo viet-namita a seguinte palavra-de-ordem: «Lutar pela paz, a unidade, a independência e a democracia».

PLENO DO C. C. DO PARTIDO OPERÁRIO RUMENO

O Pleno do Comitê Central do Partido Operário Rumeno, reunido a 2 de agosto, aprovou a seguinte ordem do dia para o II Congresso do Partido, convocado para 30 de outubro de 1954: 1) — Informe sobre a atividade do C.C.; 2) — Informe da Comissão Central de Revisão do P.O.R.; 3) — Diretrizes para o desenvolvimento da agricultura nos próximos dois ou três anos; 4) — Informe sobre as modificações dos Estatutos do P.O.R.; 5) — Eleição do C.C. e da Comissão Central de Revisão do P.O.R.

O Pleno aprovou o projeto de Estatutos modificados, o projeto de diretrizes para o desenvolvimento da agricultura e as normas orgânicas para o II Congresso.

PLENO DO C. C. DO P. C. DA AUSTRÁLIA

Reuniu-se há pouco o Pleno do C.C. do Partido Comunista da Austrália. Foram informantes os camaradas Sharkey, secretário-geral do Partido, Dixon, presidente do Partido e Aarons e Bales.

O Pleno adotou resoluções à base dos informes, chamando os australianos a uma redobrada luta pela paz, à união para que a República Popular Chinesa seja

admitida na O.N.U., para que apoiem a luta dos povos asiáticos pela sua independência e se manifestem cada vez mais vigorosamente contra as maquinações dos imperialistas americanos na Austrália visando arrastar o país ao bloco agressivo do sudeste asiático. O Pleno se manifestou pela proibição das bombas atômica e de hidrogênio.

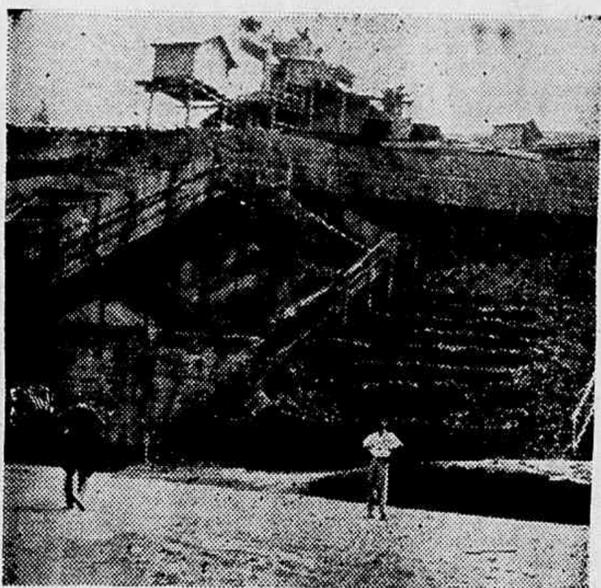
O Pleno enviou uma saudação ao camarada Eugene Denis, secretário-geral do Partido Comunista dos Estados Unidos, atualmente encarcerado, assegurando que os trabalhadores australianos continuarão lutando pela sua libertação e de todos os presos políticos nos Estados Unidos.

O Pleno resolveu convocar o XVII Congresso do Partido ainda para este ano.

A CAPACITAÇÃO POLÍTICA NO P. C. DA INDIA

Por determinação do C. C. do Partido Comunista da Índia funcionou na primeira quinzena de julho a Escola Central para os quadros dos comitês Provinciais do Partido. Várias escolas já funcionavam anteriormente. Em Andhra, numerosas escolas distritais capacitaram milhares de quadros que estudaram os fundamentos do marxismo-leninismo, o Programa e as resoluções do P. C. da Índia. Muitos alunos da Escola Central eram professores das Escolas Provinciais. O programa foi elaborado pelo Biró Político figurando aulas sobre materialismo dialético e histórico, economia política, teoria do Estado, movimento sindical, movimento camponês, questões políticas e de organização no P. C. da Índia na presente etapa.

Terminado o curso, foi feito um balanço numa assembléia dos alunos, que agradeceram ao C. C. pela sua iniciativa e manifestaram seu desejo de que o Partido organize mais escolas.



HISTÓRIA DA MINA DE IZABELITA

Essa jazida de manganês pertence ao passado. Em um tempo ela existiu em Cuba. Da tribuna da Câmara dos Deputados, o sr. Dilermando Cruz contou a sua história

«... em Cuba uma jazida, a de Izabelita, com manganês metálico. Fazia-se a exportação livremente. Cuba compra hoje manganês, porque o seu foi todo transportado com imprevidência enorme para a América do Norte».

«Este país (Cuba), que o mandou para os Estados Unidos, vendendo imprevidentemente todas as suas jazidas de Izabelita, hoje compra manganês dos Estados Unidos. A produção de concentrados que lhe resta é em minérios de baixo teor, não convindo absolutamente à sua economia. Eis a situação em que iremos ficar em 1967 se continuarmos no atual ritmo de exploração e se consentirmos que a Central, com seus novos 110 vagões, dobre o transporte de manganês de Minas Gerais para o porto do Rio de Janeiro.»

Divulgar e Aplicar em Tõda Parte O Manifesto Eleitoral do P.C.B.

O Manifesto Eleitoral do Partido Comunista do Brasil aponta o caminho para desmascarar e derrotar, nas próximas eleições, o governo de traição nacional de Vargas, os imperialistas norte-americanos e seus agentes entreguistas. Trata-se de um documento dirigido a todo o povo e que se destina a orientar os trabalhadores e todos os patriotas, ajudando efetivamente a luta para assegurar a participação do povo no pleito de outubro próximo e para eleger os candidatos populares. Cabe, assim, aos comunistas e a todos os que se dispõem a lutar pelas liberdades democráticas e a libertação nacional estudar e assimilar o Manifesto e bem utilizá-lo na prática, sem perda de tempo. Como trabalhar com o Manifesto Eleitoral do P.C.B.?



Organizar em Todos os Lugares Comitês Democráticos Eleitorais

«Brasileiros!
Trabalhadores!

Organizai-vos nas fábricas, nas fazendas, nos bairros, nas escolas, nos escritórios e repartições, em todos os locais de trabalho! Organizai-vos em amplos comitês democráticos eleitorais — em comitês de fábrica, de fazenda, de bairro, em comitês de mulheres, de jovens, etc. Através de comitês democráticos eleitorais será possível organizar em torno de uma plataforma comum pessoas de tôdas as tendências políticas e das mais diversas opiniões, de tôdas as classes e camadas sociais. Os comitês democráticos eleitorais, como instrumentos de ação, constituirão uma força popular capaz de lutar pelas reivindicações do povo, de impor o registro eleitoral dos legítimos representantes do povo e de assegurar sua vitória eleitoral».

(Do Manifesto Eleitoral)

UTILIZAR NA
PROPAGANDA A
ARGUMENTAÇÃO
DO MANIFESTO

UTILIZAR a argumentação contida no Manifesto na propaganda eleitoral, aplicando-a às condições de cada lugar e utilizando exemplos e fatos vivos do conhecimento do eleitorado nos discursos, comandos, comícios-relâmpagos e nos volantes e proclamações escritas.



ESCLARECER AS GRANDES MASSAS EXPLICANDO O PROGRAMA DO P.C.B.

«O próximo pleito eleitoral exige dos comunistas a maior atividade. É dever de cada militante do Partido participar da batalha eleitoral a fim de esclarecer incansavelmente as grandes massas, alertá-las contra a demagogia de seus piores inimigos, despertá-las, organizá-las e uni-las para a luta em prol de suas reivindicações e para que consigam a vitória de seus legítimos candidatos. É dever de cada comunista difundir e popularizar entre milhões de brasileiros o Programa do Partido.

Unamos o povo e lutemos pela vitória eleitoral de seus candidatos, sejam comunistas ou aliados. Saibamos educar politicamente nossos concidadãos, indicando-lhes o caminho da salvação nacional traçado no Programa de nosso Partido».

(Do Manifesto Eleitoral)

DIVULGAR AO MÁXIMO O MANIFESTO ELEITORAL

- ★ — Distribuí-lo em tôda parte, nas empresas e repartições, nas fazendas e navios, em tôdas as concentrações de trabalhadores.
- ★ — Divulgá-lo através da imprensa, do rádio e de edições especiais.
- ★ — Ler o Manifesto Eleitoral e distribuí-lo nas câmaras e assembleias, nas associações e reuniões populares.
- ★ — Distribuí-lo nas ruas e comícios eleitorais e nos comandos de porta em porta.



Todos às Urnas Para Derrotar os Traidores

«Concidadãos!

Todos às urnas em 3 de outubro! Lutemos pela vitória dos candidatos do povo! Saibamos tomar em nossas próprias mãos os destinos da pátria! Não permitamos que cheguem aos cargos eletivos os agentes do opressor norte-americano! Derrotemos os inimigos do povo!

Viva a unidade da classe operária!

Viva a união de todos os trabalhadores das cidades e do campo!

Viva a união de todos os homens e de tôdas as mulheres dispostos a defender a paz e as liberdades, a garantir o pão para seus filhos, a lutar pela independência do Brasil!

Salve os candidatos do povo!

Todos às urnas para defender a democracia, a paz e a independência nacional!»

(Do Manifesto Eleitoral)



Contra Vargas e os Golpes Fascistas a Luta Unida de Todos os Democratas

SENTINDO a crescente condenação popular a seu governo de fome e traição nacional, o governo de Vargas vem criando no país um intolerável clima de violências e provocações. Os últimos atentados cometidos pela camarilha de Vargas contra as liberdades e a própria integridade dos cidadãos põem a nu, perante toda a nação, seu caráter despótico e policial, dedicando que vive a reprimir pelo terror as manifestações populares dia a dia mais vigorosas contra a entrega do país nos trustes norte-americanos e toda a sua política antinacional e antidemocrática.

Milhões de brasileiros manifestam hoje abertamente seu ódio ao atual governo e responsabilizam-no pela carestia e a miséria, pela corrupção e os desmandos de toda ordem que assinalam sua presença no Catete. Alertadas e orientadas pela palavra e a ação do Partido Comunista e de seu líder, Luiz Carlos Prestes, as massas travam a luta por suas reivindicações fundamentais, pela libertação nacional e as liberdades democráticas, dispondo-se a fazer valer seus direitos e a conquistar um governo de sua confiança, capaz de promover a paz, o progresso e a abundância. Neste sentido, as próximas eleições constituem uma batalha que há de ser empreendida pelo povo visando a derrotar os homens de Vargas, os agentes mais categorizados da reação e do imperialismo ianque e eleger, em toda parte, candidatos patriotas.

Percebendo a firme decisão do povo de tomar nas próprias mãos os destinos da pátria, apela os mentores da embaixada americana, servindo-se de seus laços no governo de Vargas e de seus agentes nos partidos das classes dominantes, para medidas de provocação e intimidação e recorrem à trama de golpes fascistas, sob falsos pretextos «oposicionistas», visando a desviar as massas do caminho da luta, a tentar iludir o setores menos esclarecidos da população e manter, assim, o regime de opressão e desumana exploração sobre o povo. «Os políticos reacionários e os generais fascistas — adverte o Manifesto Eleitoral do P.C.B. — querem esmagar o movimento operário e democrático, querem implantar uma ditadura fascista, seja dirigida pelo próprio Vargas, seja a pretexto de luta contra Vargas».

O povo, entretanto, conhece a verdadeira fisionomia desses golpistas «de oposição», que se entendem com Vargas às maravilhas sempre que se trata de vender o país aos trustes americanos e de intensificar a repressão aos movimentos patrióticos e populares. São políticos e generais fascistas que nunca moveram uma palha em defesa da própria Constituição violada diariamente pelo governo. Pelo contrário, saúdam e aplaudem as prisões de militares e civis que lutam pela emancipação nacional, os atentados ao direito de greve e as costumeiras violências contra os trabalhadores, enfim, todos os desmandos e desatinos policiais contra simples partidários da paz, contra os direitos e garantias dos cidadãos. São «democratas» que negam direitos políticos ao povo, recusam a legalidade ao Partido Comunista e protestam contra as vantagens conquistadas pelas lutas dos trabalhadores, como o novo salário-mínimo. Apoiam e apoiam o infame «Acórdão Militar Brasil-Estados Unidos» e aplaudem calorosamente todas as escandalosas concessões feitas pelo governo e seus amos de Wall Street. Vargas e semelhantes «oposidores» são farinha do mesmo saco, irmãos no mesmo ódio ao povo, juntos na mesma trilha infame da traição à pátria.

Não serão os arremessos do governo apodrecido de Getúlio nem tampouco a grita de golpistas e aventureiros, uns e outros a serviço do inimigo mortal de nosso povo — o imperialismo norte-americano — que hão de desviar nosso povo do justo caminho para a conquista e a preservação de seus direitos. Este é o caminho da ação unida de todos os democratas, de todas as correntes populares, indicado no recente Manifesto Eleitoral do Partido Comunista. Sob a plataforma da luta pela paz, pela independência nacional, pelas liberdades democráticas e por melhores condições de vida para o povo, hão de se unir homens e mulheres de todas as correntes e partidos e levar à derrota, nas próximas eleições, a minoria traidora que oprime e enxovalha a nação, o governo de Vargas e seus compassas de toda espécie.

Impulso decisivo para a vitória no pleito de outubro

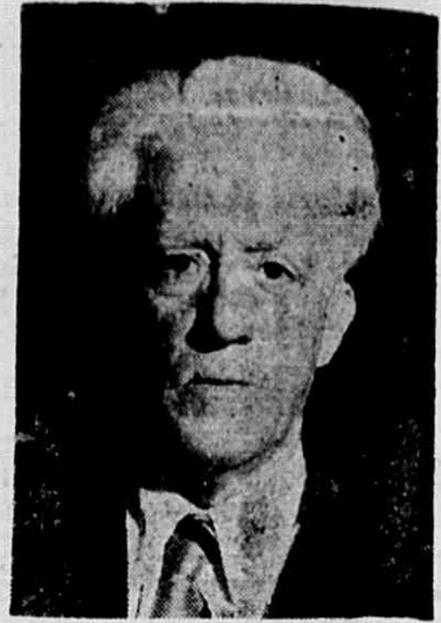
Grandes Manifestações Públicas De Apoio aos Candidatos do Povo

NOVA ETAPA NA CAMPANHA DAS FORÇAS PATRIÓTICAS COM O LANÇAMENTO DO MANIFESTO ELEITORAL DO PARTIDO COMUNISTA

O MANIFESTO ELEITORAL DO P. C. B. foi recebido com o maior entusiasmo em todo o país. No Rio e em São Paulo, os trabalhadores e homens do povo ao tomarem conhecimento do Manifesto através da imprensa não escondiam sua aprovação e seu apoio às diretrizes traçadas pelo Partido Comunista. Mas a verdade é que igualmente no seio de todas as forças políticas o documento foi recebido com vivo interesse, particularmente o apelo às correntes políticas para uma ação comum nas eleições, que se traduza em amplas coalizões eleitorais visando a derrotar os candidatos da reação e do entreguismo e eleger o maior número de patriotas a 3 de outubro.

Organiza-se o Povo Paulista

O Manifesto do Partido Comunista é divulgado justamente no momento em que a campanha eleitoral ganha novo impulso, quando se intensifica de muito a propaganda das candidaturas populares através de comícios e comícios eleitorais por todo o país. Exemplo dessa nova fase da campanha popular são as iniciativas tomadas ultimamente no Estado de São Paulo, onde foi lançada a «Coligação Eleitoral Pelo Progresso de São Paulo», reunindo forças populares em todos os municípios e aberta a todos os patriotas dispostos a participar da luta pela derrota dos Getúlio e Garcez, dos opressores e esfomeadores do povo. O entusiasmo com que o povo acolheu a formação da «Coligação Eleitoral pelo Progresso de São Paulo» e o lançamento dos candidatos populares em vibrante comício na capital paulista indicam que se trata de um movimento que há de empolgar toda a terra bandeirante.



General Leônidas Cardoso, candidato a deputado federal.

Ramiro Lucchesi, candidato a deputado federal



Campanha da «Panela Vazia»

Em São Paulo multiplicam-se as iniciativas populares, como a campanha da «panela vazia», com seus emblemas e hinos. Trata-se de um movimento que nasce das lutas populares e que se destina a reunir todas as correntes democráticas. Os trabalhadores em luta por aumento de salários, as donas de casa exigindo um fim à carestia, industriais e comerciantes, camponeses, desportistas, intelectuais, todos sentem que é chegada a hora de protestar e conquistar uma importante vitória através das eleições. Sinal evidente da se estado de espíri-

to da população é o êxito dos comícios ultimamente realizados em São Paulo, Marília, Santos, Presidente Bernardes, Guaratinguetá, Ribeirão Preto, Presidente Prudente, Itu, Mogi das Cruzes, Campos de Jordão, Barrinha, São José dos Campos e dezenas de outras cidades.

HOMENS DE TODOS OS PARTIDOS APOIAM A POSIÇÃO DOS COMUNISTAS

«**APELAMOS** para todos — diz o Manifesto Eleitoral do P.C.B. — sejam quais forem os partidos políticos a que estejam filiados e as idéias que adotem para que se unam para a luta pela paz, pela independência nacional, por liberdades democráticas e por melhores condições de vida para o povo». Este oferecimento franco e honrado do Partido da classe operária não poderia deixar de repercutir intensamente entre o povo e todas as correntes políticas. Embora lançado há poucos dias, o Manifesto já provocou declarações de simpatia e apoio entre diversos setores políticos, como o atestam as declarações de próceres de diferentes partidos que transcrevemos abaixo:

DEPUTADO BENEDITO MERGULHAO: — Peça política da maior importância e que merece, por isso mesmo, a solidariedade de todos os verdadeiros democratas, de todos os que lutam neste país pela liberdade, o progresso e bem-estar do povo.

SENADOR KERGINALDO CAVALCANTI: — Considero imprescindível que todos os homens honestos, todos os que amam a liberdade e almejam o progresso de sua terra se reúnem num movimento emancipador capaz de assegurar a paz e a felicidade de nossos filhos... A junção das correntes democráticas e nacionalistas é tarefa que se impõe.

HEITOR BELTRÃO: — Documento justo, em sintonia com a realidade. Desta vez, como de outras, os comunistas estão certos: precisamos da união de todas as forças democráticas e patrióticas para salvar o país do abismo a que está arrastando a política de corrupção e entreguismo do sr. Getúlio Vargas.

Ergue-se o Povo da Bahia

Demonstrações eloqüentes do clã adquirido pela campanha para derrotar os entreguistas são igualmente, a festa eleitoral realizada no Rio, no último domingo, na Granja das Garças, a que compareceram cerca de 5.000 pessoas, e os comícios e iniciativas eleitorais dos candidatos populares na Bahia.

Em Salvador, não obstante o terror policial que vem sendo mantido pelo regulete Regis Pacheco, o povo reconquistou as ruas, assistindo em massa a comícios como o que se deu no Caminho da Areia, de que participaram cerca de 1.500 pessoas. Em Conquista, a polícia tentou proibir por meio de violências e aparato bélico a propaganda popular; mais de 500 pessoas, porém, acorreram a aplaudir entusiasticamente Hermenito Dourado, candidato a deputado federal pelos sindicatos e forças populares da Bahia. O mesmo sucedeu em Juazeiro, onde o líder sindical foi recebido com banda de música, com a cidade engalanada para a festa, num comício como há anos não via a cidade. Em Feira de Santana, o comício dos candidatos populares reuniu cerca de 2.000 pessoas, e êxito idêntico tem sido conquistado em outros lugares, em toda parte enfim em que os patriotas se lançam confiantemente à rua para indicar ao povo o justo caminho da vitória.

Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1954 (Edição 274)

Lutemos para forjar a aliança entre os operários e os camponeses

JOSÉ FRANCISCO DE OLIVEIRA

O PROGRAMA do Partido coloca a reforma agrária — com a entrega aos camponeses, gratuitamente, das terras hoje em poder dos latifundiários — como uma das medidas essenciais para que possa o Brasil tomar o caminho do progresso e o nosso povo possa conquistar o bem-estar e a felicidade.

O que se vê, presentemente, em nosso país é existirem milhões de hectares de terras incultas em mãos dos latifundiários e do Estado, enquanto milhões de brasileiros não têm terra para cultivar. Como consequência as grandes massas vivem na miséria e o Brasil, que possui excelente clima para o cultivo de variedades culturais, se acha entretanto na contingência de importar produtos agrícolas de outros países, como a Argentina, e Uruguai, a Holanda, etc.

Isso se verifica em virtude de imperar em nosso país o regime dos latifundiários e grandes capitalistas associados aos imperialistas americanos, em virtude da política antipopular e de traição nacional realizada pelo governo de Vargas. Este governo tudo faz para defender os latifundiários e grandes capitalistas, para manter a dominação do Brasil pelos bilionários norte-americanos.

Ao proclamar a necessidade da reforma agrária, o Programa do Partido vem ao encontro da reivindicação mais sentida das massas camponesas, que constituem a maior parte da população do país.

Esclarecidos pelo nosso Partido, os camponeses lutarão, lado a lado com a classe operária e os demais setores progressistas da população, pelas medidas salvadoras indicadas no Programa do P. C. B. Lutarão pela distribuição das terras, pela liquidação dos restos feudais existentes no campo e pela conquista de um governo do povo, que lhes assegure os meios de cultivar a terra e lhes garanta uma vida digna e humana, que afaste para sempre o flagelo da fome, da nudez e da ignorância.

Ao apontar a reforma agrária como uma medida indispensável e urgente, o Programa do Partido leva em conta as condições reais existentes em nosso país. Não proclama o confisco de toda a terra, mas apenas o confisco das terras dos latifundiários e a liquidação dos remanescentes feudais predominantes no campo. Os cam-

poneses médios e ricos terão suas propriedades garantidas pelas leis que serão promulgadas pelo governo democrático de libertação nacional. Além da garantia de suas propriedades, encontrarão por parte do futuro poder a maior solicitude na adoção de medidas de ajuda técnica e financeira.

A reforma agrária criará condições para um impetuoso desenvolvimento da agricultura e dará à indústria nacional, através do aumento do poder aquisitivo das massas, possibilidades ilimitadas de florescimento.

Com a abolição das formas semifeudais de exploração dos camponeses, desaparecerá o vale e o barracão e todos os trabalhadores do campo passarão a ter o pagamento feito em dinheiro. Aca as salariedades agrícolas o Programa assegura um salário não inferior aos operários não especializados da indústria.

As reivindicações das grandes massas camponesas só poderão ser satisfeitas com a eliminação do poder dos latifundiários, que têm a seu serviço o governo de Vargas. Só assim será possível salvar os milhões de brasileiros da situação calamitosa em que se encontram, salvar o país da opressão da minoria que entrega a nossa terra aos magnatas estrangeiros, expulsar de nosso solo o imperialismo norte-americano e colocar o Brasil com o destaque a que tem direito entre as grandes nações do mundo.

Esclarecidos pelo Programa do Partido e pela experiência própria de tantos anos de sofrimentos, os camponeses sabem que não é possível conquistar sem luta os seus direitos. Por isso começam a dar os primeiros e importantes passos para unir-se aos operários, para criar os elementos necessários à grande aliança entre o proletariado e as massas camponesas. Como diz o Programa, esta aliança é indispensável para a vitória do povo brasileiro, para a realização do Programa do P. C. B. Ela é a base sólida em que terá de se apoiar a frente democrática de libertação nacional.

A 1 Conferência Nacional dos Camponeses Pobres, realizada o ano passado em São Paulo, assim como a que se realizou este ano entre os camponeses e trabalhadores agrícolas do Nordeste, são, frutos, já, da crescente ajuda da classe operária aos seus irmãos camponeses. Os operários, através da preparação

e realização dessas Conferências, deram aos camponeses uma ajuda concreta e inestimável, ensinando-lhes a se organizarem, ajudando-os em suas lutas pela terra e demais reivindicações.

A luta pela realização vitoriosa do Programa do Partido exige de cada um de nós o mais denodado esforço no sentido de construir e fortalecer, o mais rapidamente possível, a poderosa e in-

destrutível aliança entre os operários e os camponeses. Nesse particular, constituem as mais essenciais as atividades de ensino e treinamento que nos dão conhecimentos como aqueles Conferências.

Ao mesmo tempo, devemos nos preocupar, permanentemente, pela construção do Partido no campo, principalmente nas maiores concentrações de camponeses e assalariados agrícolas.

Comissões de Empresa — Base Para a Unidade da Classe Operária

ELOY MARTINS

OS EXPRESSIVOS êxitos assinalados, nesses últimos anos, no movimento operário do Brasil são uma decorrência, principalmente, do avanço da unidade de ação que se verifica entre os trabalhadores. Ganha raízes cada dia mais profundas no seio da classe operária a compreensão de que todas as suas vitórias, tanto na luta pelas reivindicações imediatas como pelos objetivos políticos de seu interesse, só serão alcançadas à base de uma união cada vez mais sólida dos trabalhadores, independentemente de suas diferentes crenças religiosas ou opiniões políticas. Para citar, apenas os mais significativos, aí estão os exemplos da grande greve de São Paulo, da greve nacional dos marítimos e, mais recentemente, da campanha pelo novo salário mínimo.

Todavia, o desenvolvimento da unidade de ação da classe operária está longe ainda de corresponder às exigências do momento que vivemos. A unidade da classe operária é a base em que, obrigatoriamente, tem de se apoiar o agrupamento de todas as forças democráticas e nacionais de nosso país para impor as mudanças radicais exigidas pelos inalienáveis interesses do povo brasileiro. É uma questão fundamental, um dos problemas candentes que temos pela nossa frente.

Todo o esforço deve ser desenvolvido, com tenacidade e confiança nas massas, visando a desenvolver sem cessar a unidade de ação dos trabalhadores. Esse esforço se traduzirá em vitórias na proporção em que forem adotadas medidas concretas, capazes realmente de estimu-

lar e desenvolver a unidade de ação.

Uma dessas medidas é a que consiste em multiplicar o número de organizações da classe operária nos locais de trabalho, especialmente nas grandes empresas. As debilidades que se fazem sentir nesse terreno, quantidade ainda reduzida de comissões nos locais de trabalho, é um dos fatores responsáveis pelo fato de não se desenvolver até agora no ritmo necessário a unidade de ação da classe operária.

A existência de uma grande e poderosa rede de organizações dos trabalhadores nas próprias empresas significará um importantíssimo passo à frente na unidade e na organização efetivas da classe operária. Isto tornará extraordinariamente mais fácil levar para os sindicatos as grandes massas de trabalhadores, conduzi-las pelo caminho da luta contra a exploração patronal e a política de fome do governo de Vargas, aumentar sua confiança nas próprias forças e convencê-las da necessidade de lutar, ombro a ombro com todo o povo, por uma política democrática e progressista para o nosso país, como prognostica em seu Programa o Partido Comunista. A criação e a atividade das comissões sindicais nos locais de trabalho dará, indiscutivelmente, um novo e vigoroso impulso às lutas da classe operária. E a unidade da classe operária é sobretudo fruto da ação diária pelos direitos e reivindicações dos trabalhadores.

O valor decisivo da organização da classe operária nas empresas foi assinalado pelo camarada Prestes em seu recente artigo — «Por um P. C. B. (Conclui na 3.ª pag.)»

Fazer das Organizações de Base Centros de Intensa Vida Política

ELEVAR cada vez mais o nível das reuniões das organizações de base do Partido — tal é uma necessidade que os trabalhos preparatórios do IV Congresso do P. C. B. fazem sentir com especial vigor. Isso significa travar uma luta sem quartel contra o praticismo ainda existente em acentuada medida nos organismos partidários, contra as tendências a fazer das reuniões das organizações de base simples pontos de encontro para a distribuição das tarefas práticas que cabem aos militantes.

Precisamos compreender bem e em toda a sua extensão a importância decisiva de que se reveste, sobretudo nas atuais circunstâncias, o trabalho das organizações de base do Partido.

Vivemos no país uma situação política cujo ritmo de desenvolvimento a favor das forças populares, a favor da realização vitoriosa do Programa do Partido, depende antes de tudo da capacidade revelada pelas nossas organizações de base de aplicar com justeza a linha política do Partido, de mobilizar as grandes massas das fábricas, fazendas, bairros e de todas as concentrações trabalhadoras e populares, dirigidas com acerto em suas lutas reivindicatórias e conduzi-las até as ações unificadas contra o governo de Vargas e por um governo democrático de libertação nacional.

Mais do que nunca, portanto, deve se dedicar uma atenção toda especial às organizações de base do Partido, elevando mais e mais o nível de sua atividade, dando a cada militante plena consciência da missão que incumbe ao nosso Partido e das responsabilidades daí decorrentes para cada um de seus membros.

O projeto de novos Estatutos do Partido, no artigo 42, define com clareza quais as tarefas que correspondem às organizações de base. Pode-se ver por aí quanto é estranho ao nosso Partido limitar a atividade das organizações de base unicamente à execução de trabalhos práticos como a afiliação de cartazes, a distribuição de jornais ou volantes, a realização de inscrições murais, etc. — tarefas certamente necessárias, mas que não podem absorver toda a atividade dos militantes comunistas.

A atividade das organizações de base deve caracterizar-se sempre por uma maior amplitude, por uma intensa vida política. Nas reuniões das organizações de base deve ser discutido o Programa do Partido, assim

como as questões políticas surgidas a cada instante, a fim de que se encontrem os meios concretos e adequados à aplicação junto às grandes massas das tarefas que cabem ao Partido, como dirigente de vanguarda da classe operária e do povo. A questão das eleições de outubro próximo vindouro deve ocupar, nesse período, o centro da atividade política das organizações de base.

Nas reuniões das organizações de base os membros do Partido devem receber uma constante ajuda para a sua educação marxista, o que possibilita a cada militante acompanhar com segurança os diversos acontecimentos e atuar no seio das massas, em qualquer circunstância, como um autêntico dirigente político. Nesse sentido, não se pode abrir mão das palestras e sabinas sobre o Programa em cada reunião — trabalhos para os quais devem ir os responsáveis suficientemente preparados.

Nas reuniões das organizações de base os militantes do Partido discutem as experiências de seus trabalhos, quer no terreno da organização quer no terreno das tarefas

de massas. Isso tem uma grande importância, porque as experiências positivas de trabalho, desde que se torne patrimônio de todos, ajudam os elementos atrasados no cumprimento de suas tarefas, a descoronar o cumprimento de sua tarefa, a descontinuar horizontes mais amplos, a superar os obstáculos que outros camaradas já venceram. A unidade das forças democráticas e nacionais avançará tanto mais rapidamente quanto mais se generalizarem as experiências dos êxitos alcançados na unidade de ação das massas.

O exercício da crítica e da autocritica encontram também nas reuniões das organizações de base o campo para seu pleno desenvolvimento. Com uma frequência sempre crescente, a crítica e autocritica devem ser utilizadas como um instrumento permanente de trabalho, indispensável para que não se reincida nos erros porventura cometidos.

As reuniões das organizações de base são, enfim, uma verdadeira escola para a formação dos membros do Partido. Daí a preocupação, que deve ser ininterrupta, de fazer das reuniões das organizações de base centros de intensa vida política, onde os militantes do Partido encontrem, efetivamente, respostas para os problemas práticos e políticos com que se defrontam a cada dia.

Ramiro LUCCHESI

AGORA QUE JÁ dispomos do Programa do P. C. B. — este poderoso instrumento do proletariado e de todo o povo para a conquista da libertação nacional a questão concreta que se nos apresenta com todo o realismo é a da aplicação do Programa, de transformá-lo em realidade, de fazer do que é vontade e objetivo da vanguarda, vontade e objetivo das massas de milhões.

É verdade que todas as formas de luta de massas são justas e necessárias, pois as lutas de massas ajudam nosso povo a avançar pelo caminho revolucionário. Mas, em cada momento, é necessário saber que tipo ou tipos de luta de massas devem ser escolhidos, para que forma de luta de massas as próprias massas estão dispostas e inclinadas. Isto quer dizer que ao tratarmos da aplicação do Programa não daremos um passo adiante se nos limitarmos a declarações de ordem geral. A luta pela aplicação do Programa tem que ser encarada em cada momento como a luta pelos objetivos do Programa numa situação dada.

Qual é a nota dominante da situação política no país neste momento? Todos os fatos são decisivamente influenciados pela campanha eleitoral. Não se trata apenas de que vão votar dez ou doze milhões de brasileiros. Na realidade, direta ou indiretamente, toda a população brasileira participa da campanha eleitoral. Portanto, agora, se trata concretamente da aplicação do Programa, da luta pelos objetivos do Programa nas condições de uma campanha eleitoral das mais acirradas que já houve no país. Ficar à margem da campanha eleitoral seria colocar-se fora da realidade.

É uma exigência do próprio Programa do P. C. B. a mais ativa participação dos comunistas na campanha eleitoral e isto ficou bem claro na entrevista do camarada Prestes e agora no Manifesto Eleitoral. O inimigo mortal de nosso povo, o imperialismo americano, ordena a seu lado Vargas que impeça a participação dos comunistas e das forças populares nas próximas eleições, pois compreende perfeitamente que a participação dos comunistas nas eleições impede que elas sejam uma farra de ponta a ponta, pode conseguir postos eletivos e tribunas parlamentares para o povo e fazer das próprias eleições um protesto tão grande que abale esse regime podre que aí está.

É desse medo ao povo, dessas ordens íanques que nasceu o artigo 38 da «Lei Eleitoral de Emergência» do negociante Dario Cardoso.

Mas o medo das classes dominantes, medo de que o povo venha a participar das eleições, eleja seus candidatos e inflija uma fragorosa derrota aos entreguistas, de leva a desrespeitar civicamente suas próprias leis. E assim como os protestos patrióticos vêm impedindo a imediata aprovação do artigo 38, ele é aplicado de qualquer modo, na mais berrante ilegalidade, pela própria justiça de classe. As «instruções» do TSE são a aplicação ilegal do artigo 38.

Verifica-se assim que bastaram os primeiros sinais da decisão das massas de participar da campanha eleitoral para que o poder ocioso dos latifundiários e grandes capitalistas se sentisse abalado e começasse a se arredar em suas próprias dificuldades. Por isto, no momento, o meio mais importante de fortalecer as forças democráticas, na sua luta para fazer avançar a revolução brasileira, é a participação ativa na campanha eleitoral.

A participação na luta eleitoral impulsiona as demais lutas, como são exemplo, a ação dos 87 sindicatos paulistas unidos na luta pelo aumento de salário, a luta dos trabalhadores de Minas Gerais pela consolidação da tabela do salário-mínimo decretada a Primeiro de Maio, como a dos ferroviários pelo pagamento do salário-mínimo na Leopoldina, Santos-Jundiá, Noroeste, etc..

A derrota dos candidatos entreguistas nas eleições, derrota da política de Vargas, não será ainda a derrubada e liquidação do atual regime, mas sim um grande passo nesse sentido. A participação na campanha eleitoral e a eleição dos candidatos populares facilitarão a organização da frente democrática de libertação nacional, a única força capaz de salvar o Brasil da situação atual e dar ao nosso povo a paz e a felicidade de um regime de democracia popular.

Éis por que se queremos aplicar o Programa devemos participar das eleições de 3 de outubro.

Os Estatutos do Partido E a Vigilância Revolucionária

F. LEIVAS OTERO

O desenvolvimento da luta de libertação nacional dos povos coloniais e dependentes acelera extraordinariamente a decomposição do sistema colonial do imperialismo em todo o mundo.

A intensificação das lutas dos povos da América Latina por sua independência alarma os gangsters de Wall Street. Acostumados a pilhar a América Latina sem maiores obstáculos, verificam surpresas como vem crescendo a resistência dos povos latino-americanos à bárbara exploração do imperialismo americano neste apos guerra.

Por saberem que os Partidos Comunistas são a vanguarda consciente e esclarecida dos povos em sua luta de libertação nacional, os imperialistas americanos tomam todas as medidas para procurar destruir a vanguarda da classe operária. Apoiando-se no governo de traição nacional de Vargas, no Brasil, os monopólios americanos controlam a polícia política por meio de agentes do F. B. I.

O Serviço Secreto de Exército, orientado por agentes americanos dirige diretamente as polícias de todos os Estados mais importantes.

Dia e noite a imprensa vendida ao Departamento de Estado pede medidas contra os comunistas e seu Partido, exige a prisão do líder amado do povo brasileiro, Luiz Carlos Prestes.

O lançamento do Programa do PCB e a imensa repercussão que obteve, as crescentes lutas do proletariado e do povo por suas reivindicações e pela independência nacional, o acirramento da luta de classe e das contradições entre os diversos grupos das classes dominantes, fazem com que os lacaios do imperialismo em nosso país adotem medidas mais energéticas para procurar atingir o nosso Partido.

A "História do P. C. (b) da URSS" nos ensina que "O modo mais fácil de tomar uma fortaleza é atacá-la de dentro". A polícia dos latifundiários e grandes capitalistas procura enviar seus agentes para infiltrar-se no seio do Partido e procurar destruí-lo de dentro. Ao prender os comunistas, tortura-os não só para arrancar-lhes dados, como para tentar amedrontá-los e afastá-los da luta.

Os nossos Estatutos, elaborados com a finalidade de estruturar internamente um Partido à altura do Programa, contém dispositivos importantes destinados a reforçar não só a disciplina e a unidade monolítica de suas fileiras, como também a vigilância de classe, revolucionária, do Partido. Neste momento em que se acirra a luta e, portanto, a reação dos inimigos de nosso povo contra o Partido, mais do que nunca torna-se indispensável chamar a atenção de todos os membros do Partido para o rigoroso cumprimento das normas estatutárias que se destinam a reforçar a vigilância revolucionária, de classe, e a segurança do Partido.

O cumprimento do art. 3 que estabelece os deveres dos membros do Partido é um importante fator para reforçar a disciplina do Partido e a vigilância de seus militantes através do emprego da arma da crítica e da autocritica. Os itens g e h desse artigo, principalmente, devem ser destacados.

Dizem eles:

"g) Ser sincero e honesto para com o Partido, não permitindo que se oculte ou desvirtue a verdade;

h) Dar prova de vigilância política e de firmeza diante do inimigo de classe lembrando-se de que a fidelidade ao Partido e a vigilância dos comunistas são imprescindíveis

A aplicação rigorosa dessas exigências pelos membros do Partido permite que a direção do Partido possa localizar as debilidades, conhecer os quadros e controlar a atividade de todos os militantes.

Educar todos os membros do Partido no espírito desses dispositivos estatutários significa armá-los para enfrentar com justeza as situações de prisão e as provocações ardidas do inimigo. Os estatutos e a direção do folheto "Se fores preso, camarada..." e do informe de Diógenes Arruda sobre a vigilância revolucionária ("Problemas" n.º 39) ajudarão bastante os militantes a compreenderem esse sábio dispositivo de nosso Estatuto.

Ao estabelecer, no artigo 5, que a admissão ao Partido "é realizada em caráter individual" e, ao dizer no art. 6:

"Para ingressar no Partido, o candidato deve ser proposto e recomendado por um membro do Partido que tenha no mínimo um ano de militância. A proposta é discutida na organização de base do local de trabalho ou de resi-

dência do candidato e, se aprovada, submetida à confirmação do Comitê imediatamente superior", os Estatutos do Partido obedecem ao princípio bolchevique da seleção cuidadosa dos novos filiados. Num momento como o atual, quando o inimigo de classe procura infiltrar seus agentes no Partido, a observância rigorosa dessas prescrições estatutárias assume especial importância.

Os artigos 7 e 8 visam impedir a permanência nas fileiras do Partido de elementos que estejam afastados do controle coletivo e da vida política ou que, ao mudarem de residência não obedecem às normas estabelecidas pelo Comitê Central. Quando um militante vai para um lugar em que não é conhecido é necessário que haja um cuidado especial ao estruturá-lo, pois a experiência ensina ser um dos meios de infiltração mais empregados pelo inimigo, o envio de provocadores para tentarem penetrar no Partido onde não são conhecidos.

Os estatutos estabelecem

tempo mínimo de militância para que um membro do Partido possa ocupar certos cargos de maior responsabilidade. É evidente a justeza dessa prescrição: um elemento com vários anos de Partido, pode ser conhecido a fundo, principalmente com a realização do previsto no artigo 29, pela Comissão Central de Controle, sobretudo quando à alínea e que reza:

"Investigar a vida de todos os elementos que ocupem cargos de direção no Partido".

Estes e outros dispositivos dos Estatutos precisam ser estudados, assimilados e aplicados pelos membros do Partido para que possamos reforçar cada vez mais a organização do Partido, sua disciplina, o emprego da crítica e da autocritica e, portanto, fortalecendo-o política e ideologicamente.

Tudo isso deve ser acompanhado pelo reforço da vigilância revolucionária em nossas fileiras. Nossos novos Estatutos constituem uma corajosa ajuda nesse sentido.

Trabalhar Mais Com As Organizações de Base

ALTAMIRO GONÇALVES

No capítulo VII do projeto de Estatutos do P.C.B. se diz: «Os fundamentos do Partido são constituídos por suas organizações de base». Essa designação das organizações de base, como fundamentos, alicerces do Partido, tem uma importância capital. Por ela nos capacitamos de que as organizações de base não são as últimas organizações do Partido, mas as primeiras, aquelas organizações sem as quais não se pode sequer falar da existência de um autêntico Partido da classe operária como um instrumento insuperável da revolução.

Pode-se dizer, com acerto, que a pujança, a força de um Partido Comunista se mede, não apenas pelo número de seus membros, mas também, e principalmente, pelo número de suas organizações de base e o grau de combatividade destas, sobretudo as de empresa.

Eis aí uma verdade que não é nova, já proclamada uma e mil vezes por Lênin e Stálin, defendida constantemente pelos dirigentes do nosso Partido e agora claramente expressa nos Estatutos do P.C.B., mas da qual nos esquecemos com demasiada frequência em nossa atividade prática. Por que acontece isso e que consequências podem advir se subestimamos o papel e a importância das organizações de base do Partido?

Quando subestimamos a importância das organiza-

ções de base é porque subestimamos o próprio papel do Partido como o chefe das massas, o organizador e dirigente de suas lutas. Para compreendermos isso com toda clareza basta vermos o que se diz no artigo 42 do projeto de Estatutos do nosso Partido sobre as tarefas da organização de base do Partido. Pelo que está especificado no artigo 42 e seus itens se vê que é por meio das organizações de base que o Partido se liga à classe operária e às massas trabalhadoras e populares, que se esclarece, organiza e conduz nas suas lutas, assim como assegura o seu próprio crescimento e o contínuo fortalecimento político, ideológico e teórico de seus militantes. Se não levamos isso em conta e subestimamos o papel das organizações de base caímos numa situação em que as tarefas do Partido, por menores que sejam, tornam-se difíceis de realizar, quando não são relegadas ao esquecimento.

Com efeito: se não nos apoiamos na massa dos membros do Partido, em todos os seus militantes agrupados nas respectivas organizações de base, como poderemos realizar as grandiosas tarefas que a própria vida coloca à frente do nosso Partido? Neste caso, ver-nos-íamos forçados, como acontece muitas vezes, a trabalhar com um número restrito de ativistas os quais, por mais que se esforcem, jamais conseguirão

realizar a soma de trabalho que normalmente pode e deve realizar a totalidade dos militantes do Partido. E estes, como é lógico, só podem ser chamados ao trabalho ativo e atuar como um todo, com a condição de que funcionem e vivam politicamente as organizações de base do Partido.

Por isso mesmo é nosso dever prestar especial atenção às nossas organizações de base: assegurar que se reúnem normalmente; que nelas os militantes participem da discussão de todos os problemas políticos e da elaboração das resoluções e o cumprimento das tarefas; que se eduquem através do estudo e do exercício da crítica e da autocritica; que participem, coletivamente, da execução das tarefas e cumpram todos os demais deveres de membros do Partido.

Assistindo persistente e desveladamente as organizações de base do Partido, particularmente as de empresa, ajudando-as a resolver os mille e um problemas que defrontam, já veremos como resultam mais fáceis as tarefas e o trabalho se torna mais rendoso.

Tudo que dermos, como dirigentes, em esforço e desvelo pelo fortalecimento das organizações de base do Partido, receberemos de volta como generosa compensação daquelas que não são as últimas, mas sim as primeiras organizações do Partido.

HERÓIS E MARTIRES DO P.C.B.

JORGE DE ALENCAR

JORGE DE ALENCAR, jovem operário têxtil de Petrópolis, Estado do Rio, desde muito cedo destacou-se nas lutas do proletariado daquela cidade onde, ao lado de um ostensivo luxo dos palacetes dos veranistas e figuras da política burguesa, vivem milhares de trabalhadores rudemente explorados. A participação de Jorge de Alencar nessas lutas aproximou-o das organizações de vanguarda do proletariado e não tardou que o jovem operário passasse a militar ativamente nas fileiras da Federação da Juventude Comunista do Brasil.

Na luta revolucionária de arregimentação e esclarecimento das massas juvenis de trabalhadores, tão desmanadamente exploradas nas fábricas, submetidas à fome permanente, Jorge de Alencar ocupou logo posição destacada, graças ao seu espírito de iniciativa, à sua inteligência e grande combatividade. Por todos esses motivos, o jovem dirigente de vanguarda transferiu-se pouco tempo depois para o Rio, impulsionando as atividades políticas da juventude.

Vivo, alegre e corajoso, Alencar era dotado de grande capacidade e espírito de luta. Por seus méritos, assumiu diversos cargos na organização da juventude ocupando finalmente, por eleição, o mais alto posto daquela entidade — o de Secretário Nacional da Federação da Juventude Comunista. Naquela época, 1932, Jorge de Alencar contava apenas 19 anos. A Federação da Juventude Comunista do Brasil, recém-fundada, ainda débil, exigia de seus adeptos, particularmente de sua direção, uma atividade permanente. Eram enormes as suas responsabilidades naquela conjuntura histórica em que já se prenunciavam em todo o mundo as terríveis desgraças que, anos mais tarde, se abateriam sobre a humanidade com a hecatombe da segunda Grande Guerra.

As organizações de vanguarda do proletariado brasileiro, tendo à frente o Partido Comunista do Brasil, lançavam-se à luta à frente das massas para a conquista de melhores condições de vida e, ao mesmo tempo para forjar uma poderosa frente-única ao lado dos trabalhadores do mundo inteiro a fim de impedir o ascenso do fascismo agressor, cujo objetivo principal era destruir a gloriosa União Soviética e com isto desferir um golpe terrível no movimento revolucionário mundial.

Jorge de Alencar entregou-se com ardor à luta pela paz naquela gloriosa jornada, participando das ações de rua da juventude.

Numa tarde de março de 1932, às 17,30 horas, dentro da Estação da Central do Brasil, hora de intenso movimento de trabalhadores, teve início uma vigorosa manifestação contra a guerra. Depois de distribuídos profusamente boletins levantou-se um jovem orador pronunciando estas palavras:

"GUERRA, GUERRA, GUERRA! EIS A AMEAÇA QUE PESA SOBRE OS TRABALHADORES DO MUNDO INTEIRO!"

Mas não pôde pronunciar mais nada. A polícia de Vargas, brutal e assassina, interveio violentamente para dissolver a massa que se reunia em torno do orador. Não havia proteção possível diante das feras de Vargas. Logo ao primeiro disparo, caiu fulminado um dos manifestantes. Era Jorge de Alencar. Seguiu-se depois o cruel espancamento do povo, seguido de prisões e do cerco total da estação, por policiais fardados e à paisana.

Uma comissão de jovens foi levar a triste notícia à velha mãe de Jorge, em Petrópolis, também operária têxtil e membro do Partido Comunista. Profundamente ferida pelo covarde assassinato de seu filho, ela soube, entretanto, suportar com firmeza a dura provação e, ao lado dos seus companheiros, lutou bravamente para arrancar das garras da polícia o corpo de Jorge que a polícia se negava a entregar. Graças à sua firmeza e cercada do apoio dos jovens e dos membros do PCB, foi possível prestar a última homenagem àquele que tanto se distinguira à frente das lutas da juventude.

O carrasco Vargas, que dias depois promovia o soldado Teófilo, executante do hediondo crime, não conseguiu jamais concretizar seu objetivo: destruir a vanguarda do proletariado, o PCB e a Federação da Juventude Comunista do Brasil, hoje União da Juventude Comunista. A memória dos mártires e dos heróis vivifica a luta incessante e abnegada dos militantes de vanguarda e todos os patriotas pela conquista da paz, da independência nacional e das liberdades democráticas. A memória de Jorge de Alencar é uma das gloriosas bandeiras dessa luta que os jovens do Brasil continuam rumo ao futuro radioso da democracia popular e do socialismo em nossa pátria.

Sobre os artigos publicados na «Tribuna do IV Congresso»

Os artigos assinados, que saem na «Tribuna do IV Congresso», representam a opinião dos seus autores que, livremente, defendem seus pontos-de- vista.

Todo membro do Partido tem o direito de colaborar na «Tribuna do IV Congresso» e pode criticar os artigos nela publicados.

A unidade do Partido constitui um dos fatores básicos de todas as lutas por ele dirigidas. Uma justa orientação só pode ser dada pelo conhecimento das leis do desenvolvimento da sociedade, é o fruto do domínio da teoria. Mas a aplicação dessa orientação justa depende de um Partido forte. Forte pela sua íntima ligação com as massas, mas forte também pela sua organização, pela sua unidade, pela disciplina de suas fileiras. A falta de unidade e coesão nas fileiras do partido da classe operária foi — como aponta a História do P.C.U.S. — um dos principais fatores da derrota da revolução de 1905. Por isso mesmo, a história dos bolcheviques é a história da luta permanente pela unidade do Partido. Foi a unidade do Partido que assegurou a vitória da revolução de 1917, foi na base da luta pela unidade do Partido e contra todo divisionismo, todo fracionismo que a contra-revolução foi derrotada e se construiu o socialismo. Foi na base da unidade monolítica de suas fileiras que o P.C.U.S. dirigiu com êxito a luta contra a barbara agressão nazista. E' nessa mesma base que agora abre as largas avenidas do comunismo.

O projeto de Estatutos de nosso Partido apresenta com grande ênfase a questão da unidade, colocando como o primeiro dever de todos os seus membros «salvaguardar por todos os meios a unidade do Partido como condição principal da força e do poderio do Partido».

As lições do movimento comunista internacional seriam suficientes para que o nosso Partido colocasse de maneira tão incisiva a questão da luta pela unidade. A história de todos os partidos irmãos comprova que a reação exerce um esforço sistemático para penetrar nas fileiras da vanguarda revolucionária do proletariado, visando enfraquecê-la ou neutralizar sua ação através do divisionismo e do fracionismo; comprova que toda quebra de unidade constitui um sério prejuízo para a luta da classe operária, que cabe ao Partido dirigir.

Para dividir e desorganizar os Partidos Comunistas, para impedir e sabotar a construção do socialismo na União Soviética uma das armas preferidas pelos centros diretores da reação mundial foi o trotskismo. Tendo surgido apenas como uma tendência que divergia da orientação do Partido bolchevique em torno de certos problemas, os fatos vieram provar que essas «divergências» constituíam, na realidade, uma manobra visando a dividir e desorganizar o Partido. Não se tratava de uma divergência honesta, que só pode durar até que o Partido decida em definitivo mas sim de «divergências» destinadas a lançar a confusão nas fileiras do Partido. Por isso mesmo, o trotskismo tornou-se, logo, um grupo de espíões, assassinos, responsável entre outros crimes pelo assassinato de Máximo Gorki e de Kirov. O esmagamento desses ferozes inimigos do Partido e da humanidade foi uma das causas que permitiu ao P.C.U.S. enfrentar vitoriosamente a agressão nazista.

Mas também em nosso país temos bastante experiência do que é essa luta permanente contra a unidade do Partido, dirigida pela reação através dos seus instrumentos, os trotskistas, embaçados ou não.

Já antes de 1930 um grupo trotskista procurou cindir o Partido em nome da «pureza dos princípios revolucionários». Mário Pedrosa, Aristides Lobo e outros encabeçaram o ataque, arrastando depois os Fulvio Abramo & Cia. Eles falavam uma linguagem «ultra-revolucionária» com a qual preferiam apresentar-se como os «verdadeiros comunistas». Os fatos se encarregaram de esclarecer que esses cavalheiros não passavam de aventureiros e agentes da reação no seio da classe operária. Hoje são estrélas da imprensa reacionária e servidores incondicionais do governo.

Entretanto, a tentativa mais séria de golpear o Partido se produziu em 1937. A luta fracionista-trotskista dessa época, encabeçada pelo chamado grupo Paulo-Luis-Barreto, (Saccheta, Hilio Mana e Heitor Ferreira Lima) constituiu a mais séria tentativa não apenas de dividir o Partido, mas de assaltar sua própria direção. A luta desse grupo contra o Partido teve início logo nos primeiros meses de 1937. Após a derrota da insurreição de 1935 e sob os golpes repetidos da polícia, a direção central do Partido se debilitara grandemente. Muitos dirigentes haviam sido presos, outros tinham sua ação cercada pelas duras condições de ilegalidade. O núcleo dirigente do Partido se havia transportado para a Bahia, por questões de segurança. O próprio C. R. do Rio ficara praticamente acéfalo. Nessas condições, o C.R. de São Paulo tomou a iniciativa de enviar dois dos seus elementos (um deles instrutor do

Cuidar da Unidade do Partido Como da Menina Dos Nossos Olhos!

(A margem de um episódio da história do nosso Partido)

J. CAMARA FERREIRA

C.C.) para trabalhar no Rio e estabelecer a ligação com o núcleo dirigente do C.C., enquanto o secretariado do C.R. se encarregava de restabelecer ligações com Rio Grande do Sul, Paraná, Triângulo Mineiro, Goiás, e Mato Grosso. A prisão de outros elementos permitiu que Saccheta ficasse à frente deste secretariado.

Foi nestas circunstâncias que germinou e se desenvolveu o criminoso plano de assalto à direção e a todo o Partido, plano que também tinha uma variante — a divisão do Partido. De qualquer maneira o que se pretendia era neutralizar a ação do Partido por um largo período. Entretanto, os elementos que encabeçavam essa trama bem sabiam que nada conseguiriam se atirassem abertamente contra o Partido ou se pregassem abertamente sua divisão. Daí mascararem toda sua ação como uma simples luta contra erros e defeitos. Daí se atirarem abertamente apenas contra a posição da direção diante da sucessão presidencial. Daí também passaram a exigir a realização de uma Conferência Nacional. Eles procuravam, assim, explorar em seu benefício as dificuldades e as deficiências da direção do Partido. Agitando a palavra-de-ordem de «Conferência Nacional» — num momento em que eram as mais precárias as condições de segurança — procuravam demonstrar que a direção estava impedindo a livre discussão dos problemas do Partido. Era toda uma trama visando a convencer as bases do Partido de que não havia outra solução senão a destituição da direção ou o fracionamento do Partido.

Para a realização desse plano criminoso os trotskistas se aliaram a outros canalhas e policiais existentes nas fileiras do Partido, mas todos eles procuravam se apresentar como os verdadeiros comunistas, como marxistas-leninistas autênticos, como fiéis à Internacional Comunista e até como stalinistas. Faziam reuniões secretas mas saíam delas exigindo a unidade! Esforçavam-se nos contactos com elementos intermediários e de base para ganhá-los para seu próprio ponto-de-vista, intrigavam contra os dirigentes do C.C. mas nas reuniões orgânicas batiam no peito, e se proclamavam fiéis soldados do Partido.

Entretanto, a direção resolveu reunir no mês de agosto o Bureau Político. Dessa reunião participaram também os dirigentes do grupo divisionista (ainda não desmascarados e contra os quais não havia ainda provas irrefutáveis), bem como alguns elementos responsáveis que haviam saído das prisões. Essa reunião constituiu um sério golpe contra o grupo fracionista-trotskista, que aí ficou em minoria. Fingindo submeter-se à de, liberação da maioria, às resoluções do B.P. ampliado, seus componentes, entretanto, apenas trataram de aguardar que se produzissem condições mais favoráveis para desencaixar seu golpe. Entretanto, aceleraram a conspiração contra o Partido sonhando dinheiro à direção, procurando colocar os aparelhos técnicos em mãos de gente por eles influenciada ou com eles comprometida.

O momento para o assalto surgiu com o golpe de 10 de novembro. Nos dias em que aumentava a confusão no país e com a finalidade evidente de prestar um serviço a Getúlio, o grupo fracionista-trotskista divulgou uma declaração de rompimento com a direção cheia de infâmias contra elementos dos mais fiéis ao Partido. Essa declaração foi respondida com a expulsão e o desmascaramento dos elementos mais responsáveis pelo grupo. Entretanto, a conspiração contra o Partido havia criado profundas raízes. O grupo conseguiu apoderar-se de grande parte da caixa e dos aparelhos técnicos do Partido, ao mesmo tempo em que enviava delegados a quase todas as regiões com uma pseudo-documentação cheia de infâmias contra a direção. Entretanto, a falta de vigilância e de maturidade política dos companheiros de alguns Estados fez com que aceitassem como

bons. À primeira vista, os argumentos dos inimigos do Partido. Entretanto, com o correr dos dias, toda a confusão foi desfeita. Mesmo na Capital de São Paulo, que os fracionistas pretendiam transformar em seu baluarte, foram desmascarados e desmantelados. Os C.C. R.R. que haviam caído nesse verdadeiro conto do vigário político reconheceram amplamente seu erro e retomaram posição ao lado da direção. O grupo fracionista-trotskista viu-se isolado, dividiu-se e é próprio, cada um dos seus elementos procurando servir melhor à causa dos seus patrões.

Ao relembrarmos este episódio, não podemos deixar de assinalar dois aspectos importantes.

Primeiro: a importante contribuição dada pelos presos políticos de maior responsabilidade à luta em defesa da unidade do Partido. Embora desconhecendo muitos detalhes e não entrando no mérito das divergências políticas, não vacilaram eles um minuto em apoiar vivamente a direção do Partido. Essa posição contribuiu poderosamente para o isolamento e o desmascaramento dos traidores. O camarada Prestes, que tomou conhecimento dos acontecimentos alguns meses mais tarde também manifestou integral apoio à direção muito embora criticasse as posições políticas assumidas pela direção.

Segundo: a grave responsabilidade dos elementos que então integravam a direção nacional, pois suas teses oportunistas facilitaram em grande medida o trabalho de sapatagem dos inimigos do Partido. A incompreensão do papel que a burguesia nacional poderia representar na revolução democrático-burguesa levou a direção a praticamente reconhecer sua hegemonia nesse processo. Isso se tornou ainda mais claro depois, com a campanha «de industrialização» e com a supervalorização das medidas antiintegralistas

tomada por Getúlio para defender e consolidar sua ditadura sanguinária. Esses erros de direita explicam, em boa medida, o fato de o grupo trotskista-fracionista ter conseguido aplicar tão profundo golpe no Partido.

Hoje, a defesa da unidade do Partido deve constituir uma preocupação diária e permanente de todos nós. O fato de termos uma linha amplamente aceita por todo o Partido e que foi elaborada à base de uma justa interpretação da realidade nacional somada à experiência vitoriosa de outros partidos irmãos constitui um fator que dificulta, mas não exclui, a ação dos inimigos internos. Aliás, o próprio fato de trabalharmos hoje com uma linha justa leva a reação a intensificar sua luta contra o Partido em todos os terrenos. Ela bem sabe que uma justa linha é um poderoso fator de vitória da causa da revolução, de aguçamento da luta de classes. Nada mais natural, pois, que dedique uma atenção cada vez maior à sua luta contra o Partido. Contra isso, precisamente, devemos estar prevenidos de maneira a desmascarar os inimigos do Partido onde quer que se apresentem, como quer que se apresentem. Eles não usarão, hoje, a mesma máscara de ontem, não pregarão a realização de uma «Conferência Nacional». Outras serão suas teses, outras suas manobras. Mas contra qualquer ataque ao Partido é necessário que todos os militantes estejam prevenidos. Não se trata, certamente, de impedir a livre expressão de pontos-de-vista pessoais em qualquer organismo, não se trata de impedir a quem quer que seja a luta pelo que entende ser certo. No capítulo dos direitos dos membros do Partido, o Projeto de Estatutos assegura: «Todo membro do Partido pode discutir livremente nas reuniões do Partido para expressar sua opinião sobre qualquer problema, direito que emana da democracia interna». Mas se trata — isso sim — de defender esses pontos-de-vista dentro das normas partidárias, das normas do centralismo democrático: tomada uma resolução pela maioria, todos cerram fileiras em torno dessa resolução e lutam com igual ardor pela sua realização; as discussões não devem impedir que as determinações dos organismos superiores sejam integralmente aplicadas. Agir de maneira diferente seria abrir o Partido às manobras dos seus piores inimigos, os inimigos internos.

«Cuidar da unidade do Partido como da menina dos nossos olhos» é o nosso dever supremo. Essa unidade se processa em torno do Comitê Central, a quem devemos o Projeto de Programa e de Estatutos. E' cerrando fileiras em torno dessa direção provada, em torno do camarada Prestes, que marcharemos para tornar realidade as mais profundas e caras aspirações do nosso povo.

Comissões de empresa — base para a unidade da classe operária

(Conclusão da 1.ª pt.)

de Maio de Luta e de Unidade» — ao afirmar que a unidade do proletariado «não pode ser conseguida senão mediante uma denúncia implacável dos inimigos da unidade, de todos os divisionistas, assim como da organização cada vez mais vigorosa dos trabalhadores nos locais de trabalho».

Por que motivo estamos ainda atrasados no que diz respeito à organização dos operários nas próprias empresas? Quais as tendências e incompreensões responsáveis por tal debilidade?

Ressentimo-nos, antes de tudo, da tendência a trabalhar somente com os elementos ou setores que mais facilmente despertam para a luta. Muitas vezes, deixamos de compreender a necessidade de trabalhar com todas as camadas de trabalhadores, inclusive as mais atrasadas. É verdade que têm sido concluídos numerosos pactos de ação intersindical, mas não se pode negar que nem sempre esses pactos se apoiam na unidade e na ação de todos os trabalhadores dos setores interessados. Os acordos estabelecidos entre os dirigentes sindicais têm importância, mas é indispensável que eles surjam sempre de vastas mobilizações de massas e nelas se apoiem. Nisto reside a força destrutível da unidade da classe operária.

Além disso, é débil o trabalho de organizações da classe operária nas próprias empresas em virtude das tendências espontaneístas existentes em nossas fileiras. Só uma parte dos trabalhadores, os mais combativos e esclarecidos, acorrem aos sindicatos independentemente de um trabalho tenaz e diário dos comunistas. Os demais exigem, para se organizar, um esforço constante e incansável dos trabalhadores de vanguarda, dos comunistas. Mas o que acontece é que, muitas vezes, devido à influência do espontaneísmo, cruzamos os braços diante das dificuldades, quando a nossa obrigação é enfrentar, até vencer, os obstáculos à unidade da classe operária. É o que ensina o camarada Prestes ao afirmar que «é indispensável a ação, a atividade permanente, constante e persistente dos comunistas entre as massas nos locais de trabalho e de resistência, nas organizações de massa de toda espécie e, inclusive, o trabalho individual junto a cada homem ou mulher, jovem ou velho». Alcançaremos tanto maiores êxitos na unidade da classe operária quanto mais rapidamente extirparmos de nossas fileiras as tendências ao espontaneísmo no trabalho com as massas.

A experiência do movimento operário mostra, com suficiente clareza, que as comissões de trabalhadores nas empresas desempenham um papel de inestimável importância para o desenvolvimento e o fortalecimento da unidade da classe operária. Trabalhando pela sindicalização das grandes massas de trabalhadores, levantando no dia a dia as reivindicações dos operários em cada empresa e organizando a luta pela sua conquista, ajudando os trabalhadores a se tornarem cada vez mais conscientes da missão destinada à classe operária, mostrando através de exemplos concretos o que resulta para o proletariado e todo o povo da política antioperária e de traição nacional do governo de Vargas — as comissões de empresa são os alicerces em que se fundamenta a unidade da classe operária.

Por tais razões, devemos fazer com que as organizações de base de nosso Partido nos empresas considerem sempre como uma de suas tarefas essenciais e permanentes a criação e o regular funcionamento das comissões sindicais nos locais de trabalho — base indestrutível da unidade de ação e da organização da classe operária.

O Programa do P.C.B. e os Arquitetos Brasileiros

VILANOVA ARTIGAS

Lutar Intransigentemente Contra o Liberalismo

O PROGRAMA DO PARTIDO, sendo fruto de uma dura experiência, de longos anos de erros e vitórias do movimento revolucionário em nosso país, coloca nas mãos dos comunistas as armas necessárias para a luta pela libertação nacional e a conquista de uma vida feliz para o povo brasileiro. O Programa do Partido é um documento de indiscutível precisão científica contendo uma estratégia e uma tática justas e claras, capazes de conduzir a classe operária à frente das grandes massas trabalhadoras e populares, à vitória de suas aspirações e seus objetivos.

Realizar o Programa do P.C.B., assegurar a sua transformação em realidade, é a grande missão que se coloca perante os comunistas brasileiros. Nas atuais condições, a luta pela realização do Programa exige, antes de tudo, uma ativa e profunda participação de todos os membros do Partido na campanha eleitoral — questão política com a qual se entrelaçam todas as tarefas do Partido no presente momento.

Mas, para que o Partido possa cumprir vitoriosamente a sua missão, para que o Programa do P.C.B. venha a se converter realmente no vitorioso programa do povo brasileiro, é indispensável que o Partido da classe operária se fortaleça incessantemente em todos os terrenos, coloque-se à altura de cumprir a sua gloriosa missão.

Isto exige que sejam eliminados, com uma decisão cada dia maior, todos os fenômenos prejudiciais que se verificam no processo da construção do Partido. Um desses fenômenos — e dos que causam mais danosas consequências — é o liberalismo, a negligência revolucionária, a transigência em relação às falhas e aos insucessos. Manifestação da ideologia burguesa, o liberalismo nas fileiras do Partido é uma erva daninha que, para ser exterminada, reclama uma luta sem tréguas pela assimilação da ideologia revolucionária do proletariado e a aplicação das normas da vida partidária, definidas nos Estatutos do Partido.

A negligência na atividade do Partido, a transigência em relação aos erros e debilidades é a forma mais frequente de manifestação do liberalismo no seio do Partido. Entretanto, o comunista não pode, em hipótese alguma, manter-se indiferente diante dos fenômenos negativos que ocorram no Partido, diante das deficiências do trabalho, dos erros e falhas cometidos. Nenhuma consideração de ordem afetiva ou pessoal pode ser levada em conta para justificar o atraso no cumprimento das tarefas, as infrações à disciplina partidária, os prejuízos por qualquer motivo causados ao Partido. Um comunista será realmente digno do título de membro do Partido da classe operária se manifesta intransigência diante dos erros e debilidades, se não deixa de investigar corajosamente as causas profundas das falhas verificadas, se não examina concretamente os prejuízos delas decorrentes e luta, com firmeza e energia, para evitar que as falhas venham a se repetir. O Partido não precisa em suas fileiras de militantes que põem os seus interesses pessoais e a tranquilidade própria acima dos sagrados interesses da causa do povo, acima dos interesses do Partido.

A luta contra o liberalismo, contra a negligência ante as debilidades e os insucessos, assume uma importância cada vez maior na batalha que travamos pela construção e o fortalecimento do nosso Partido, para fazer do P.C.B. um partido à imagem do invencível Partido de Lênin e Stálin. Essa luta, para ser vitoriosa, requer que sejamos intransigentes em relação ao cumprimento das tarefas no organismo partidário onde atua cada militante. Mas requer, além disto, que cada militante do Partido seja de uma inflexível intransigência para consigo mesmo, fazendo uso constante da autocritica e travando incessantemente a luta para se forjar um autêntico militante revolucionário.

Quanto mais nos lançamos na tarefa de estreitar os vínculos entre o Partido e as massas, quanto mais audaciosos passos damos no caminho da frente-única, mais rigorosos temos de ser, no Partido, em relação à defesa da pureza de princípios, à luta pela assimilação da ideologia do proletariado.

O liberalismo no Partido manifesta-se também, muitas vezes, sob a forma de despreocupação pela vigilância revolucionária. Nada pode, entretanto, justificar qualquer subestimação pela vigilância no Partido.

Como mostram os fatos, acirram-se a cada dia os choques de classe em nosso país. As massas trabalhadoras e populares, insatisfeitas em face da política de fome, guerra e opressão realizada pelo governo de Vargas, tomam resolutamente o caminho das lutas. Aumenta de ano para ano o número de grevistas, fortalece-se a unidade da classe operária e grandes campanhas de massa, como a luta pelo novo salário-mínimo, ganham envergadura e se tornam vitoriosas. As lutas crescentes das massas e a necessidade vital para o nosso povo de levar à vitória, proximamente, o Programa do P.C.B., tornam mais necessário do que nunca um grande e poderoso Partido, capaz de mobilizar as massas de milhões de nosso povo e dirigi-las para as grandes ações revolucionárias de massa. Mais do que em qualquer outra época, é decisivo hoje o papel do Partido Comunista.

Em face disso, seria tória ingenuidade, se não fosse uma perigosa manifestação de liberalismo pequeno-burguês, pensar que o inimigo não intensifica as suas manobras, em todos os terrenos, visando a debilitar o Partido, a dificultar o cumprimento de sua missão histórica. Ao lado da violência, o inimigo não vacila em empregar os processos mais sutis e inescrupulosos contra o Partido.

Isto coloca na ordem-do-dia, com todo vigor, a necessidade de redobrar as medidas de vigilância, capazes de resguardar o Partido de qualquer golpe preparado pelo inimigo. Esta é uma condição básica para que possa o Partido desenvolver uma eficiente ação mobilizadora e organizadora das grandes massas, para que possa dirigir com êxito a classe operária e o nosso povo na luta contra o imperialismo norte-americano, contra o governo de Vargas e pela instituição no Brasil de um governo democrático de libertação nacional.

Ser intransigentes em relação às falhas e debilidades e resguardar o Partido contra as manobras do inimigo, por mais sutis que elas sejam — são dois aspectos de fundamental importância na luta que precisamos travar com redobrada energia contra o liberalismo nas fileiras de nosso Partido.

Em geral, os estudos feitos em torno do problema da Arquitetura no Brasil, se limitam ao aspecto estético da questão.

A Arquitetura é elemento da superestrutura social, mas liga-se igualmente à base como parte da cultura material da sociedade. Os edifícios e instalações diversas que alojam as mais variadas atividades humanas são bens materiais indispensáveis à própria existência social.

Considerar a Arquitetura somente como arte, equiparando os problemas de seu desenvolvimento com os que apresentam as outras artes — a pintura ou a escultura — circunscritas aos limites da superestrutura, leva-nos a uma visão estreita da arte-única pela emancipação nacional nos termos do projeto de Programa do P.C.B.

Contrariamente ao que se dá com a maioria dos países hoje submetidos à economia de preparação para a guerra sob a direção lanque, no Brasil há muitas construções em andamento. Nas grandes cidades principalmente, este fato é evidente; um juízo apressado faria crer na existência de condições de base para um «florescimento» da arquitetura e portanto negar as críticas frequentes à decadência de nossa arte, feita por arquitetos das mais variadas tendências.

O projeto de Programa do P.C.B. esclarece perfeitamente esse fato peculiar a este momento da realidade nacional. Fiel à política do Departamento de Estado Americano, o governo Vargas consome toda a renda nacional na preparação do país para servir aos planos guerreiros do imperialismo lanque e esquece forçosamente a solução de qualquer dos problemas que afligem o povo. O número espanioso de alfabetos dá uma idéia de quantas escolas precisavam ser construídas, os doentes falam dos hospitais e instalações sanitárias que nos faltam; os casebres em que se abriga a maior parte da população, a idéia da completa inatividade desse governo escraço dos americanos. O volume de obras empreendidas por este governo é simplesmente ridículo; e o pouco que ele faz é ostensivamente demagógico, deliberadamente destinado a encobrir a realidade. Fiel aos lanques, o governo Vargas se preocupa com a guerra.

Por outro lado, essa mesma política de submissão aos padrões lanques e a destruição da economia nacional, gera uma assombrosa inflação monetária e uma corrida aos imóveis do que se aproveita toda a sorte de aventureiros em busca de fortuna fácil. A par com os loteamentos, as vendas de terrenos com facilidades e

etc., desenvolve-se uma indústria fantasma de construções. Pululam casas e edifícios para venda em condomínio planejados e construídos sem maiores considerações de necessidades humanas, de vez que só se destinam a atender a bolsa de compradores, a ganância de aventureiros e a bolsa de empresários atraídos pela possibilidade de giro rápido de seus capitais.

Em face de uma tal situação, de um governo virado para a guerra e de uma indústria sem base, vêm-se os arquitetos, engenheiros e construtores, constrangidos a abdicarem de sua capacidade técnica e artística e a serviço da negociata projetarem obras desumanas ou se transformarem em meros comerciantes de materiais de construção.

Esta situação de descaibro constitui hoje a única oportunidade oferecida aos jovens engenheiros e arquitetos que já nos bancos universitários começam a estiolar ante a insignificância dos problemas que são chamados a resolver.

Acresce que, mesmo essa atividade decadente, que mais se assemelha a um resto de ação deixado pelo imperialismo a fim de nos distrair, atrai os olhos cúpidos dos monopolistas lanques que frequentemente aparecem com novas tentativas açambarcadoras. Em quase todas as grandes capitais brasileiras, as autoridades deste governo traidor já chamaram «especialistas americanos» para fazer planos de nossas cidades e com isso estudarem as condições para implantação de seu domínio; ao mesmo tempo, são lançados no descredito técnicos nacionais — em geral brasileiros experimentados e honestos que consumiram a vida no estudo de problemas urbanos cujas soluções, quando não deram, cabe a culpa precisamente à incapacidade desse governo vendido. Em S. Paulo por exemplo, a IBEC de Rockefeller já fez há dois anos um plano de melhoramentos que só não foi adiante pelo pasmo que causou, o ridículo das propostas apresentadas. Mas eles voltaram à carga; e agora, dois meses atrás, cá esteve novamente o mesmo técnico, desmoralizado — mr. Moses — programando uma nova investida conduzido pela mão do prefeito Jânio Quadro.

A Arquitetura brasileira como arte reflete necessariamente esta situação criada pelo domínio cada vez maior da economia nacional pelo imperialismo americano. Entretanto é preciso salientar que os sinais de decadência da arquitetura como arte, não são somente consequên-

cia deste refletir, mas também da ação direta do imperialismo americano na superestrutura.

São frequentes as declarações de nossos arquitetos, reconhecendo e chamando a atenção para a decadência da Arquitetura cujas formas se antes pecavam pela origem, hoje são cada vez mais desarrazoadas, cada vez mais desumanas e abstratas, cada vez mais estranhas a qualquer expressão nacional.

Através das exposições do tipo das Bienais de S. Paulo, das revistas especializadas, etc., o imperialismo infiltra no meio dos arquitetos teorias falsas, de arte pela arte, para o que conta com a dificuldade natural de interpretação da Arquitetura.

O esforço destruidor do imperialismo no setor da Arquitetura, hoje atinge o ponto de pretender destruir tudo, mesmo o resto de característica nacional contida na simples presença de arquitetos brasileiros. Incomoda o imperialismo o prestígio que nossos artistas têm no estrangeiro e tal ponto que na recente II.ª Bienal de S. Paulo, o arquiteto e agente imperialista Walter Gropius, como membro do júri de premiação, colocou todo o peso de sua fama mundial no sentido de provar a superioridade lanque.

Os artistas que percebem estas e outras manobras e protestam são ameaçados de ostracismo. Bem como diz o projeto de Programa do P.C.B. A imprensa diária vendida aos lanques encarregada de distribuir entrevistas de arquitetos americanos e outros materiais de propaganda cuja origem é a embaxada lanque, nos quais se procura projetar novos nomes de arquitetos nacionais e deliberadamente lançar no esquecimento certos e determinados artistas. Tudo se passa como se estes agentes imperialistas tivessem força para «criar» novas personalidades e esconder quem lhes apetecesse — intimidar e a corromper, enfim forçar a montagem de uma expressão cultural escolhida nas obras dos mais docéis; uma expressão cultural nascida não do trabalho, da ação ao lado do povo cujos anseios se exprime, mas da vontade lanque. E não está noutra fato a causa do apodrecimento rápido da arquitetura no Brasil. A interferência direta do imperialismo americano.

A frente-única entre os arquitetos, abrange um setor bastante amplo de interesses a julgar o exposto. O jovem estudante de arquitetura não precisará muita imaginação para figurar que destino lhe reserva um governo como o de Vargas; em contraste com as imensas possibilidades que um grande país como o nosso oferece, ter de vegetar escravizado aos mais

mesquinhos interesses. O talentoso e experimentado arquiteto, quanto mais claro vê as soluções de sua arte, maiores barreiras encontra pela frente. A arquitetura comunista, cabe apontar com clareza o inimigo, como faz o projeto de Programa do P.C.B., qualquer que seja o disfarce sob o qual ele se esconda — o imperialismo americano, Vargas e o latifúndio unidos.

Transformar a luta no setor dos arquitetos unicamente em luta contra a arquitetura moderna, como quer E. A. Graeff (V. O.) é liquidar frente-única; é ficar na posição de dono do realismo socialista — que o autor tão justamente critica. Nós os comunistas, temos uma opinião estética definida, clara, que não escondemos — lutamos pela aplicação do método do realismo socialista — e é com ela que entramos na frente-única para discutir com os nossos colegas arquitetos, ao calor da luta contra o imperialismo, no calor da luta pela existência da arquitetura, qual deve ser a arquitetura brasileira, quais as formas que exprimirão melhor o povo unido no processo de libertação nacional.

Sem a libertação do Brasil do jugo imperialista, sem a democracia popular, não teremos arquitetura popular. A decadência que aí está é produto da dominação imperialista, do governo de Vargas. Sem a total modificação destas condições não haverá arquitetura que desejamos, por melhor boa vontade, por mais honestos que sejam os arquitetos, por mais que eles sofram com situação. Diz o arquiteto soviético Tsapenko («Fundamentos do realismo socialista na Arquitetura Soviética».)

«É preciso ter presente que, qualquer que seja o estado de desenvolvimento em que se acha uma sociedade, a arquitetura exprime sempre e precisamente este estado de desenvolvimento, independentemente da consciência dos criadores dessa Arquitetura».

Nesse sentido a opinião dos arquitetos que com O. Niemeyer constituem os «fariseus» apontados por Graeff no mesmo artigo, é a posição certa, a posição materialista. Eles não estão certos somente quando se colocam em face desta realidade de maneira estática, à espera de uma nova sociedade. Isto corresponde a não lutar — submeter-se ao imperialismo — e portanto a não correr para a formação da nova arquitetura que em germe já existe e que irá tomando corpo e se fortalecendo na medida em que, participando da emancipação nacional, lutando contra o imperialismo americano e Vargas sempre presente sob uma forma ou outra, fomos selecionando e compreendendo os anseios populares.